



Aventuras extraordinarias dum policia secreta

A estalagem de Avinhão



EDITOR E PROPRIETÁRIO, E. A. MIRANDA E SOUSA

COMPRIMENSA EM PLUSITANA EDITORA —

C. DO FERREGIAL, 23 PERTENCENTE AO EDITOR

PREÇO

60
REIS

REDACÇÃO E ADMNISTRAÇÃO
DA NOVELLA POPULAR

C. DO FERREGIAL, 23, LISBOA

Wm 85-169247

A Novella HISTORICA

Publicação quinzenal de grande formato
Cada numero um episodio completo

60 R\$. A PUBLICAÇÃO MAIS BARATA de PORTUGAL R\$. 60

À mas notavel e sensacional
das novidades litterarias

Edição esmerada, cuidadosamente impressa
e composta em magnifico typo

E' um trabalho vasado em moldes inteiramente novos que
formará a mais completa, a mais curiosa, a mais instructiva

HISTORIA de PORTUGAL

Desde os tempos primitivos até á actualidade

Volumes publicados:

- | | |
|---|---------------------------------------|
| 1 Viriato, o heroe luso | 19 A Rainha Adultera |
| 2 Roma na Lusitania | 20 Maria Telles |
| 3 Os barbaros do Norte | 21 Mestre d'Aviz |
| 4 A Invasão dos Arabes | 22 Padeira d'Aljubarrota |
| 5 Fundação de Portugal | 23 O Barbadão |
| 6 O cerco de Guimarães | 24 O Magriço ou os Doze de Inglaterra |
| 7 Egas Moniz | 25 Os Tripeiros. (Tomada de Ceuta |
| 8 Conquista de Lisboa | 26 Descobrimento da Madeira |
| 9 Giraldo Sempavór | 27 O Alfageme de Sant rem |
| 10 D. Fuas Roupinho (Milagre da Nazareth) | 28 O monarcha eloquente |
| 11 Tomada de Alcaer | 29 A traição de Alfarrobeira |
| 12 Rainha D. Mécia | 30 Escola de Saures |
| 13 O Bolonhez | 31 A Beltraneja |
| 14 O rei trovador | 32 Conspiração dos nobres |
| 15 Rainha Santa Izabel | 33 Rei Venturoso |
| 16 A Batalha do Salado | |
| 17 Ienez de Castro | |
| 18 Vingança de Rei. | |

A seguir:

- | | |
|-----------------------------------|-------------------------|
| 34 Expulsão dos infieis | 37 O Brazil. |
| 35 Vasco da Gama | 38 O Prim iro Viso-Rei. |
| 36 A matança dos christãos novos. | 39 A Conquista de Goa. |
| | 40 O Invisido. |

EMILIO GANTE

HISTORIA POPULAR DA PROSTITUIÇÃO

Desde os primitivos tempos até á actualidade

Acham-se publicados os quatro volumes

- | | |
|---|-----|
| I Obscenidades primitivas—A Prostituição na Antiga Grecia | 300 |
| Impudicicias de Roma Primitiva — Devassidão dos Romanos | 300 |
| III Desmoralisação Franceza—Tem pos modernos.. | 300 |
| IV (e ultimo volume) Tempos modernos | 300 |

NICK CARTER

O celebre policia americano
Aventuras extraordinarias e sensacionais do imcomparavel detective

100 RS. CADA VOLUME CONTENDO SEMPRE UMA OBRA COMPLETA RS. 100

Modern-Bibliotheca

Collecção de romances dos melhores auctores

Edições luxuosissimas

com bellas e numerosas gravuras intercalladas

no texto

A Modern-Bibliotheca é constituida por edições luxuosas e artisticas; e insere as obras primas dos melhores escriptores modernos.

Volumes publicados:

- I—Ditoso Iar, por Marcel Prévost
II—Aphrodite, por Pierre Louys
III—Prima Laura, por Marcel Prévost

500 Rs. Preço de cada volume brochado Rs. 500

TRATADO PRATICO DE GIMNASTICA SUECA

por L. C. Kumlien.

Edição de luxo, profusamente illustrada, formando um elegante vol. in 8º gr.

300 rs.

Aventuras de LORD JACKSON

Genial e audacioso policia . amador

Unico rival de Sherlock Holmes

A serie completa d'esta obra compõe-se dos seguintes volumes

- | | |
|-----------------------------------|--|
| 1 Crimes no palacio Jackson | 18 Jackson envenenado |
| 2 O osso d'uma perna | 19 Ressurreição de Jackson |
| 3 Evasão d'um malvado | 20 Sapatos de defuncto |
| 4 Crimes impunes | 21 Lord Jackson contra Sherlock Holmes |
| 5 Calvario d'um assassino | 22 Mulheres policias |
| 6 Um attentado terro-ista | 23 Um milhão de francos |
| 7 A creança martyr | 24 As bravatas de um Yankée |
| 8 Resgate sangrento | 25 Coração torturado |
| 9 A falsa suicida | 26 O quarto dos mortos |
| 10 Um drama nas nuvens | 27 A cabeça cortada |
| 11 Junto da guilhotina | 28 O segredo do conde |
| 12 Jackson, em poder dos bandidos | 29 Tragado pela areia |
| 13 O cão policia | 30 A derrota dos bandidos |
| 14 O esqueleto vivo | 31 Os mysterios de Chicago |
| 15 Bandidos de casaca | 32 O subterraneo dos cadaveres |
| 16 A rainha dos apaches | 33 Por seguir uma mulher |
| 17 Duas façanhas notáveis | 34 A renuncia de Lord Jackson |

60 cada volume Serie completa, 2.000 rs

Numero 190

Lisboa, 6 de Fevereiro de 1913

Anno V

A estalagem de Avinhão

CAPITULO I

Condemnado !

—O homem que ali vêdes sentado no banco dos réus é um criminoso. Haveis de sentir no fundo das vossas almas tão bem como eu, a verdade que existe na minha affirmação. Assassinou; é o primeiro e maior dos criminosos que a tradição nos legou, senhores jurados; é réu do mesmo crime que mancha para sempre a memoria de Caim. Espero a vossa decisão, meus senhores, na certeza de que ella só um unico resultado pode ter e esse, eu assim o espero! ha-de ser a condemnação á morte. Peço pois a pena capital para o culpado de tão vergonhoso e nefando crime. Disse:

O delegado do Ministerio Publico acabára. Na sala do tribunal reinava um silencio cheio de anciedade. Completamente nua de ornatos, triste, solitaria, apesar da multidão que a enchia, a sala tornava ainda mais esmagadora a oppressão que pesava sobre os circumstantes.

A scena passava-se n'um tribunal da provincia. Os jurados na sua maioria lavradores e cuja decisão mais

havia de repousar sobre o sentimento do que sobre a intelligencia olhavam para aquelle réu cuja vida a bem dizer elles tinham nas mãos, mas os olhares que lhes lançavam nada tinham de apiedados. Não sentiam pelo réu a minima compaixão: não estavam decididos a ter misericordia para com elle. A decisão podia-se bem advinhar qual seria.

Por seu lado o réu, muito pallido, braços cruzados sobre o peito olhava para todos apparentemente impassivel. O olhar que a principio lhe brilhara como uma estrellla, não temia comtudo deante d'aquellas terriveis palavras que o delegado do Ministerio Publico pronunciara contra elle com tamanha dureza. Tinha já a convicção de que estava perdido, mas sómente o tremer das narinas e a palidez que lhe cobria o rosto indicavam a commoção que no seu intimo se chocava. O réu, o Barão de Chavresac, estava alli sentado no banco infamante porque fôra accusado de fraticídio. E cada fibra do seu coração vibrava de nobre indignação, a alma fremia agitadissima ao ouvir as affrontas que o accusador lhe dirigiu formulando uma catilinaria desesperada e ignominiosa e atirando lhe com ella ao rosto. E o barão que nunca em toda a sua vida teria deixado passar sem correctivo uma affronta tinha de as soffrer silencioso e desamparado perante um publico facilmente suggestionavel e jurados que iam decidir da sorte do réu, mais pelo sentimento do que pela razão.

Agd
823.91
D598.99
P47
v. 8 no. 190

O presidente do júri levantou-se para dizer:

— Tem a palavra o dig.^{no} defensor!

Por entre a fila dos jurados passou como que um fremito de desagrado, impaciência, e que se estendeu até aos ouvintes. Que defeza poderia haver? Que circunstâncias attenuantes podiam pleitear pelo indivíduo tão severamente incriminado? Um fraticida! Quem poderia, depois do que o Agente do Ministerio Publico tinha dito, duvidar da culpabilidade do réu?

O advogado, dr. Legane, levantou-se.

— Dig.^{mos} juizes e jurados d'este tribnnal! Meus senhores e minhas senhoras.

«E' realmente um triste officio o de agente do Ministerio Publico! Deante de tudo o que é nobre o, que é bom, tem elle de fechar os olhos, sem nada querer ver, sem nada querer ouvir. Os seus olhar dirige-se unicamente para a sombra, e para a maldade e realmente o recusador que ainda não ha muito, com uma severidade inexoravel pediu a pena de morte para o meu constituinte, não demorou nem um unico ponto que por insignificante que fosse, lhe desse comtudo occasião a lançar mais uma negra mancha sobre o accusado que aqui vêem. Mas quão minguado proveito o sr. accusador tirou das suas furiosas investidas contra o réu! Que pobrissima argumentação! Que falta de argumentos seguros meus senhores!

«Antes de me occupar com a pessoa do meu constituinte o sr. Barão de Chavresac, permittam V. Ex.^{as} srs. juizes, meus senhores e minhas senhoras que eu recapitule as circumstancias em que o caso de que tratamos se deu, muito embora essas circumstancias sejam conhecidas já. Quero apresentarlhes porém, meus senhores os élos d'essa cadeia de argumentos de indícios e de pseudo provas e com as quaes o sr. agente do Ministerio Publico fez uma tão triste e pobrissima, embora furiosa accusação do meu constituinte.

«O Barão de Chavresac tinha um irmão. Eram ambos os unicos herdeiros que havia da herança de seu tio o fallecido Marquez de Boismareuil. Este individuo era conhecido como sendo um homem singular, um retrahido e a quem não agradava a existencia despreocupada e alegre que o meu constituinte passava em Paris. Sentia-se mais inclinado para o outro sobrinho o qual, havia dois annos tinha casado e vivia na Touraine onde se dedicava a administrar uns bens que lá possuia. Ao genio melancolico e rabugento do velho Marquez agradava mais a vida sombria e de trabalho que Bernardo de Chavresac levava e desagradava-lhe por completo o modo de vida do outro sobrinho.

«Succede entretanto que o marquez de Boismareuil adoeceu gravemente e Bernardo de Chavresac, o sobrinho de quem elle mais gostava e com quem se correspondia regularmente, ao saber da doença do tio

poz-se immediatamente a caminho para o castello de Boismareuil como vossas excellencias sabem está situado no sul da França. Partiu pois das suas terras na margem do Loire n'um automovel e correu para junto do tio.

«Como tivesse intenção de passar uma longa temporada ao pé do tio, levou tambem a sua joven esposa, a qual transportava consigo as suas joias, fechadas n'um cofresito d'aço.

«Este cofresito que um dos membros da familia Chavresac tinha trazido outr'ora do leste da Asia, tem uma particularidade. Abre unicamente quando lhe carregam n'um certo e determinado sitio, sitio este que está escondido pelos ornatos e cinzeladuras que cobrem a superficie do cofresito. E o segredo d'este cofresito que é um producto tipico da arte japoneza era conhecido apenas por quatro pessoas, isto é, Bernardo de Chavresac, sua esposa, o marquez de Boismareuil e o meu constituinte, Paulo de Chavresac.

«O automovel seguiu rapidamente mas a uns trinta kilometros de distancia do castello os dois esposos tiveram de fazer alto voluntariamente. O automovel parára de subito era meia noite e tornava-se completamente impossivel apesar de todos os esforços, descobrir qual a causa d'aquella subita paragem. Estavam na estrada de Avinhão, e felizmente havia n'a hospedaria nas proximidades, uma casa solitaria e pertencente ao casal Leblanc. Foi para lá que os esposos se dirigiram a pé, enquanto o carro ficava na estrada debaixo da guarda do chauffeur.

«O casal Leblanc, dono da hospedaria recebeu os viajantes e enquanto a sr.^a de Chavresac se installava na hospedaria, o marido e o hospedeiro voltaram atraz para ver se podiam atinar com o desarranjo do automovel e com o auxilio do chauffeur levou-o para um telheiro que fica a coisa de meio kilometro.

«Feito isto, o chauffeur levou a caixa das joias para o quarto do amo e em breve todos dormiram.

Na manhã seguinte, tornou-se impossivel o por-se outra vez em ordem o mecanismo do auto, devido a ter chegado de Avinhão um serralheiro mechanico e com a ajuda do qual dentro em pouco ficou prompto o carro.

«Os viajantes subiram para o seu auto, este poz-se a caminho para Avinhão e ali pela uma e um quarto chegaram a Boismareuil á residencia do marquez.

«Mas o marquez peorára muito e de tal modo que o outro sobrinho teve de ser prevenido telegraphicamente e era esperado durante todo o dia.

«A's onze horas da manhã a esposa de Bernardo notou que lhe faltava a caixa das suas joias. O chauffeur jurava e tornava a jurar que desde a noite precedente em que a levava ao quarto de seus amos na hospedaria Leblanc nunca mais a tornara a vêr. Foi então que o barão Bernardo de Chavresac se conven-

ceu de que a esquecera na hospedaria. Subiu immediatamente para o seu automovel e sósinho dirigiu-se para Avinhão no proposito de ir ter á hospedaria Leblanc.

Para isso deviam-lhe bastar, quando muito tres horas, mas o caso é que a tarde passou-se sem que elle apparecesse. Deram tres... quatro horas no relogio do aposento onde a baronesa se encontrava, mas o marido não vinha.

A baroneza estava n'um estado enorme de desasoeço e quando ás cinco horas o barão Paulo de Chavresac chegou de Paris encontrou o castello n'uma enorme agitação.

«No seu quarto o velho marquez jazia sem sentidos e ninguem sabia o que lhe havia de fazer, e no salão a baroneza sentia-se presa d'uma angustia mortal, pensando no que teria acontecido a seu marido.

«Ao vêr aquillo, Paulo de Chavresac tomou uma rapida resolução. Como vossas excellencias sabem, o meu constituinte foi em tempos official de cavallaria e como tal é um distincto cavalleiro.

Montou no melhor cavallo que encontrou nas cavallariças do castello e depois d'um golpe desenfreado de perto de duas horas, chegou á hospedaria Leblanc.

«O hospedeiro—que certificou já como testemunha o que vou dizer—respondeu ao moço cavalleiro, que descera do cavallo coberto de espuma, que o tal senhor do automovel por quem o sr. cavalleiro perguntava tinha partido ha muito já, ahi pelo meio-dia já elle tinha deixado a hospedaria, depois de ter ido lá acima ao quarto que occupára e onde pudera achar de novo a caixa das joias. Fôra no automovel pelo mesmo caminho por onde viera.

«Chavresac montou de novo o cavallo e poz-se a caminho. Tomou informações em Avinhão. Todos tinham visto o automovel quando elle ia para a hospedaria Leblanc. Ninguem comtudo o vira voltar. De modo que Paulo de Chavresac teve de voltar para Boismareuil sem nenhum resultado ter obtido. Entretanto o marquez morrera e a respeito de Bernardo ninguem dava noticias.

«No dia seguinte, porém, encontrou-se finalmente o cadaver de Bernardo. Jazia a sessenta metros de profundidade, ao lado do automovel n'um profundo abysmo a que os supersticiosos habitantes da região chamam a «Cova do Diabo». O cadaver, porém, mostrava nas costas uma profunda ferida, causada provavelmente por um punhal e que os medicos deram como causa da morte, tendo sido o assassinado mais o automovel precipitados no abysmo. O barão Bernardo porém estava irreconhecivel quasi. Ao lado d'elle estava a caixa das joias, fechada hermeticamente.

«Quando a abriram, porém, viu-se que estava totalmente vazia, bem como a carteira do assassinado,

carteira que contivera a somma de 20.000 francos.

«Aqui teem, pois, vossas excellencias, senhores jurados, os factos tal qual como elles se deram accrescendo depois a circumstancia de que, ao ser aberto o testamento do marquez de Boismareuil se viu que o seu universal herdeiro era o barão Bernardo isto é, o morto. Mas por morte de Bernardo, ficava aquella disposição do marquez sem o minimo valor e a herança ia por completo para Paulo de Chavresac.

«Ora é exactamente sobre este facto que a accusação repousa. Bastou-lhe um levissimo indício para construir uma accusação que é o mais fiel exemplo que até hoje tenho visto de insufficiencia criminal. E senão veja-se:

«O homem a quem tão duramente o Ministerio Publico accusou tem fortuna pessoal. A sua vida foi sempre um modéllo de cavalheirismo, de nobreza d'alma. E é a este homem comtudo, que querem tornar culpado da morte do irmão.

«Mas então porquê?

«O meu constituinte não conhecia o testamento.

«Como podia elle pois ter praticado o crime, suppondo, o que é absurdo, que elle fosse capaz de o fazer?

«O assassinado, segundo se viu pelas declarações do casal Leblanc, deixou a hospedaria ao meio dia e subindo para o automovel poz-se a caminho. Ora ás cinco horas chegou Paulo de Chavresac, vindo de Paris, pondo-se logo a caminho em procura do irmão. Estes dois factos, o do supposto criminoso não conhecer o testamento e de só ás cinco horas ter partido em busca do irmão, são mais que sufficientes para provar a inculpabilidade do meu constituinte.

«Devo dizer porem meus senhores que o meu constituinte não acceita uma absolvição por falta de provas. Isso iria contra a sua honra, contra a nobreza até do seu nome. Quer sair d'aqui de cabeça levantada, quando todos estiverem convictos da sua innocencia.

O defensor fez uma pausa, como se quizesse reunir no cerebro e evoca los, todos os argumentos que podiam dizer bem alto a innocencia de Paulo de Chavresac.

Depois continuou a falar. Mostrou como Paulo se calára sempre diante da ira da cunhada que o accusava implacavelmente sem a nada attender e cujo odio cego a impellia a dá-lo a elle, Paulo de Chavresac, como sendo o criminoso, dando a entender que mais nenhum podia ser. Paulo calára-se sempre, porque tinha pena d'aquella mulher, da sua immensa dor, mas que, a despeito da compaixão que por ella o cunhado mostrava, não cessava comtudo de o acusar.

Mostrou em seguida como o seu constituinte tivera uma carreira militar brilhante e honrosissima, carreira que mostrava bem como elle era incapaz d'aquillo

de que o accusava, pois nunca Paulo de Chavressec, tão nobre, tão leal, tão valente, desceria á inqualificavel covardia de um assassinado, e para mais de um fratricidio!

E dirigindo-se aos sentimentos humanos dos jurados, fez um appello á consciencia d'elles para que vissem bem se o seu constituinte era ou não culpado.

—Não lhes quero, nem devo, nem posso dizer o que devem fazer neste caso, senhores jurados. Voz do povo, voz de Deus! Colloco cheio de confiança a sorte do meu constituinte nas mãos de V. Ex.^{as}, certo como estou de que a decisão não pôde ser senão a que eu espero. Vão pois resolver senhores jurados e tragam consigo sómente a Verdade!

De novo reinou na sala um silencio sepulchral. Ouvia-se unicamente o soluçar de algumas mulheres que assistiam ao julgamento.

—O accusado tem alguma coisa a allegar mais em sua defeza? perguntou o presidente.

Paulo de Chavressec levantou-se.

—Agradeço muito, porém nada tenho a acrescentar ás palavras do meu advogado.

Os jurados ergueram-se então e seguindo os juizes, recolheram para decidir.

Durante uma hora reinou uma anciedade mortal e angustiosa, até que finalmente o jury appareceu.

O juiz occupou o seu logar e depois das cerimoniaes do estylo, começou a ler a decisão com voz firme, e sem manifestar a menor commoção o menor tremor, como se a vida de um homem nada valesse para elle.

A sentença dava o crime como provado. O barão Paulo de Chavressec, era pois condemnado a trabalhos forçados para toda a vida.

CAPITULO II

Uma visita inesperada

Paulo de Chavressec estava sentado na sua cella, e a seu lado, o defensor, o advogado Legasse muito commovido, explicava-lhe quaes as razões que havia para se pedir uma revisão do processo, razões que tornavam possível a annullação do que o Tribunal decidira.

Paulo de Chavressec porem, parecia não prestar grande attenção ás explicações que o advogado lhe ia dando. Parecia que no seu cerebro se agitavam pensamentos muito differentes dos do seu advogado.

De repente interrompeu o um tom febril.

—Se eu não pedir a revisão do processo dentro de oito dias sou removido para a ilha de Ré não é verdade?

—Sem duvida! confirmou Legasse. D'ahi será leva-

do para Cayenna. Mas seria uma loucura rematada, se deixasse passar assim sem opposição alguma, uma sentença tão monstruosa, senhor Barão!

—Tambem não é essa a minha intenção, replicou Paulo, levantando-se do incommodo e unico banco da sua cella.

Estava muito pallido; as feições desfiguradas pela dor, patenteavam comtudo uma nobreza de sentimentos e uma energia e força de vontade inquebrantaveis, uma tenacidade feroz na resolução anteriormente tomada. Nos olhos brilhava-lhe um clarão de esperança. Durante muito tempo reflectiu com a cabeça entre as mãos. até que por fim dirigindo-se ao advogado e olhando o bem de fito disse:

—Meu caro advogado, vou pedir a revisão, porem sem a esperança de que isso dê algum resultado, sem a esperança de que novos jurados possam dar como nulla a decisão do primeiro jury provando assim a minha innocencia. O que eu espero é sómente ganhar tempo, nada mais.

«Meu irmão foi assassinado, e como se pretende que fui eu o assassino, parece-me que nunca poderei provar a minha innocencia emquanto o verdadeiro criminoso não fôr descoberto. Como eu fui condemnado, o verdadeiro criminoso julga-se já em segurança, razão pela qual nós, com mais facilidade o podemos agarrar.

O advogado interrompeu-o.

—Mas novas diligencias não farão mais do que as primeiras já fizeram. Tornar-se-ha a cair na supposição de que V. Ex.^a é que é o criminoso.

—Isso agora é que eu não sei! replicou Chavressec abanando a cabeça. A minha confiança na aptidão da nossa justiça está muito abalada e bem deve ver que digo isto por experiencia propria. Pude ver bem a inclinação que o nosso juiz de instrucção tinha para construir constantemente, combinações mirabolantes, e todas tendentes a comprometter-me. A experiencia que fizemos com a nossa justiça foi bem amarga meu bom amigo! Ha porem um unico homem que me pôde salvar, que pôde expor aos olhos de todos a minha innocencia.

—Quem? perguntou admirado o doutor Legasse.

Chavressec meditou por alguns instantes como se quizesse pesar bem as probabilidades de exito do seu plano; em seguida voltou-se para o advogado e disse-lhe com voz firme:

—Sherlock Holmes.

—O inglêz?

—Certamente. Se alguém ha no mundo que me possa valer é unico e exclusivamente esse homem. O que eu sei a respeito dos seus feitos enche-me de confiança. Oiga-me meu amigo, vai ver o que lhe peço que me faça.

«E' o senhor quem hade ir ter com elle, quem com

elle se ha de entender pois que a mim torna-se-me impossivel fazer isso visto que aqui ninguem o deixará vir. Para que tenhamos o tempo necessario para as diligencias de Sherlock, vou appellar da sentença, e como d'aqui até ao segundo julgamento vão uns tres mezes, tem esse celebre policia tempo necessario e de sobra para descobrir o assassino de meu pobre irmão.

Legasse não quiz contrariar a proposta do Barão. Estava convencido da innocencia do seus constituinte, mas era-lhe impossivel encontrar um meio de fazer com que essa convicção de que estava convencido fosse compartilhada pelos outros que consideravam o pobre Barão como o unico criminoso.

Aos ouvidos do advogado chegára tambem já por varias vezes a fama do grande policia, e sentia-se tambem cheio de esperaca no bom resultado das diligencias que elle esperava que o policia emprehen-desse.

Ao abandonar a cella do condemnado, levava consigo o pedido de revisão. Nessa mesma noite foi remetido para as vias competentes o documento, e na manhã seguinte já o advogado estava de posse de um telegramma que em resposta a uma sua pergunta recebera e onde lhe dizia o celebre policia que estava ao par de tudo quanto se sabia a respeito do crime e que ia Paris para juntamente com o advogado deslindar aquelle erro judiciario.

A' noite depois de ter tido uma conferencia com o seu constituinte ácerca do estado da questão, o dr. Legasse subiu para o comboio que partindo d'ali chega a Paris ás nove horas da manhã.

No Grande Hotel encontrou-se com o celebre policia inglêz.

Depois de uma curta apresentação, o advogado começou a expôr o caso. Mas logo ás primeiras palavras Sherlock Holmes interrompeu-o:

—Peço que por hoje me não diga nada a respeito do estado da questão. Trouxe com certeza as peças do processo, não é verdade?

O advogado respondeu affirmativamente e o grande policia proseguiu:

—Poder-me-hia fazer o favor de deixar cá em casa o processo? São onze e meia da manhã: á 1 e meia estou de novo ao seu dispôr e então espero poder lhe dizer o que julgo conveniente que se faça.

Aquella brusca e sóbria interrupção do policia espantou o vivo e meredional temperamento de Legasse. Mas promptificou-se a fazer tudo o que lhe pediam por ter um presentimento de que a salvação do seu cliente viria d'aquelle homem extraordinario. Além de que nas conferencias que já tivera com o seu cliente concordara este em que se deixasse o policia proceder como entendesse.

Abriu pois a pasta e deu ao policia o processo que era muito volumoso.

—O que tenho medo é que V. Ex.^a não possa lê-lo todo até á 1 e meia...

O inglêz sorriu ao perceber a duvida do advogado.

—Não tenha receio meu caro senhor. A 1 e meia já estarei, tenha a certeza, sciente de tudo o que diz respeito ao processo.

E dizendo isto pegou no volumoso processo, e, depois de se despedir do advogado, foi para os aposentos que occupava no hotel.

A' hora marcada encontrou-se de novo com o doutor Legasse e entregou-lhe o processo.

—Quer-me fazer o obsequio de me explicar umas coisas qde não percebo? disse Sherlock.

O advogado fez um signal affirmativo, e Sherlock continuou:

—Ao ir de Beismareuil para a hospedaria dos Leblanc, o assassinado foi visto por alguém em Avinhão?

—Sim, senhor.

—Segundo as affirmações dos esposos Leblanc e Barão Bernardo partiu da hospedaria levando consigo a caixas das joias. Ninguém mais porém viu a victima na volta para o castello, nem tampouco o viram em Avinhão, onde comtudo não é frequente vêr um automovel e o qual se por lá passasse não podia deixar de ser notado.

—E' verdade! confirmou Legasse. Os Leblanc foram as ultimas pessoas que viram o Barão ainda vivo.

—A Cova do Diabo encontra-se por acaso nas proximidades da hospedaria dos Leblanc e Avinhão?

—Não, respondeu o advogado, a Cova do Diabo está a cerca de meio kilometro da hospedaria, por de traz d'esta quando se vae de Avinhão, a oeste da estrada real.

—Sim? agradeço-lhe muito a informação que acaba de me dar.

Fez uma pausa e depois proseguiu:

—Tomei já nota a respeito das joias que a caixa continha. Entre as peças do processo ha uma relação das ditas joias, bem como do que a carteira tinha dentro. Mas, dê-me licença; ainda uma pergunta: O mecanismo mysterioso do cofre foi examinado?

Legasse reflectiu um momento e em seguida respondeu com decisão:

—Examinado não, mas sim posto á vista tanto o cofre como as outras peças do processo estiveram sempre em frente dos jurados, durante as audiencias.

—Que outras peças? inquiriu o grande policia.

—Uma peça do automovel o qual, como já se disse, estava destruido; o fato do assassinado onde se via o corte feito pela punhalada, o cofre e alguns

natos d'elle que na queda do automovel tinham saltado.

—O cofre tinha ornatos?

—Sim, senhor. Era uma lembrança que o avô de Chavresac trouxera das suas viagens ao oeste da Asia. Era um trabalho japonês todo em aço com finissimos embutidos a ouro. Quando o automovel cahiu na Cova do Diabo, o cofre foi bater contra o rochedo e d'este modo saltaram fóra alguns dos ornatos.

Sherlock Holmes collocara-se á janella e olhava pensativamente o boulevard como se procurasse n'aquelle vae-vem de pessoas e carros a solução do problema.

Legasse sentiu que não devia interromper o policia nos seus pensamentos e calando-se, mas n'uma grande agitação olhou para aquelle homem que deveria trazer ao seu constituinte a salvação.

Por fim, Holmes retirou-se da janella.

—Pois bem meu caro doutor, é uma coisa muito exquisita o prophetisar bom exito áquillo que comprehendemos e é exactamente por isso que lhe não vou dizer já, se conto ou não sahír vencedor da empreza.

«Mas posso-lhe affirmar que o caso me não parece muito difficil.

«Pelo exame a que submetti as actas do processo e ainda por umas certas particularidades que ainda lhe não posso confiar cheguei á convicção que o Barão Paulo de Chavresac está innocente.

«E esta convicção só por si serve para me estimular o desejo que tenho de tentar até o impossivel para demonstrar a innocencia do condemnado. E por hoje peço-lhe desculpa de nada mais lhe dizer porque me é impossivel. Quando volta para Avinhão?

—Hoje á noite respondeu Legasse.

—Pois então far-me-ha o favor de ir ter com o seu cliente e de lhe dizer o que eu lhe acabei de dizer. Diga-lhe que espero que se não deixe abater pelo desanimo e recomende-lhe com a maior instancia que não diga a ninguém uma só palavra da diligencia que vamos emprehender.

«Pego tambem a V. Ex.^a que me não torne a procurar sem eu o avisar pois que do contrario vir-me-hia estorvar nas minhas observações. Ainda não tenho plano determinado. Os meus planos patenteiam-se-me principalmente no ultimo momento, e não são tão indifferentes como poderia julgar pois um novo e inesperado factor veio dar ás minhas ideias uma nova direcção.

«Pego-lhe pois que me deixe operar com todo o silencio. No momento propicio, saio do meu silencio e dou-me a conhecer.

«Eis aqui o que lhe tenha a dizer meu caro Dr. Lejasse. E agora permitta-me que me vá embora. Assim o exigem os interesses de Paulo de Chavresac. deus.

E estendendo a mão ao advogado apertou a d'este com effusão, inclinou-se levemente e dentro em pouco desapareceu.

CAPITULO III

O velho bufarinheiro Sorrien

A vida nas pequenas cidades e nos circulos provincianos do sul da França mostra sempre uma tendencia conservadora, semelhante aquella que se observa na população da Espanha e do sul da Italia. Não é com facilidade que n'estas localidades se mudam os usos e costumes, e os resultados da moderna civilização, da civilização das grandes cidades dão-se tambem é certo nas provincias mas sem comtudo fazer pôr de parte os velhos costumes e usanças.

A rede de caminhos de ferro que se estende de Marselha pelo sul fóra, é estreita e acanhada. Pela estrada real ouve-se a buzina do automovel mas ao lado d'este modernissimo meio de transporte, arrasta-se ainda puxado a duas soltas a velha diligencia tintinando as suas guiseiras e campainhas. E tanto o lavrador, como o homem das cidades preferem a tudo as suas costumeiras, os seus usos, mais gostando da empoeirada e rudimentar mala-posta do que da moderna e rapida locomotiva.

A mesma rigidez se nota nos costumes da lavoira. O pequeno lavrador, apresenta o seu campo como elle era ha uns trezentos annos. A lavoira a vapor, os adubos chimicos etc. são coisas desconhecidas para o camponez, e dado o caso que este a conheça não as toma nunca a serio. E' por esta razão que é vulgarissimo ver, tanto nas aldeias como nas cidades, o errante bufarinheiro com a sua carriolda de mão.

Este bufarinheiro constitue uma das mais extranhas apparições que o céu resplandecente de luz e sol da Provença e Gasconha já mais cobriu. E' ao mesmo tempo o caixeiro viajante de todas as noticias e novidades, e o mudo confidente dos mais profundos segredos. E' vendedor e comprador ao mesmo tempo e se o seu proveito assim o exige põe em acção o seu tacto especial para despertar a curiosidade.

Propositadamente, não pergunta pela origem das das coisas que se lhe offerece para vender, e d'este modo resulta que elle é para os ladrões, um commodo e de modo nenhum perigoso, encobridor de furtos e que sabe fugir a todas as investigações dos gendarmes.

Nada existe que o impeça de fazer negocio com os objectos que venham lá d'onde venham-lhe foram vendidos; e que elle mostra nas tabernas do porto de

Marselha; e muita vez a joia roubada que primitivamente pertenceu a uma honesta lavradora das margens do Rhodano vae parar ás mãos dos emborrachados maritimos do porto ou ás dos marujos da Messagerie Maritime, para algumas semanas mais tarde ir brilhar no pescoco opulento de gorduras de alguma belleza duvidosa do Levante, e então, adeus investigações; Todos os vestigios estão perdidos e o braço da Justiça franceza não chega até ás costas da Asia Menor onde muitas vezes está o ladrão e o encobridor.

Ora na manhã de um bello dia de março um d'estes bufarinheiros entrou no armazem de antiguidade e joalheria Davidet, armazem este que estava situado n'uma das sujas e apertadas travessas da Cannebière, a rua principal de Marselha.

Estava-se no tempo em que por causa do Carnaval todos os estabelecimentos da Provença fazem um negocio enorme. Quer dizer um tempo magnifico para os bufarinheiros, o tempo de melhor colheita para elles. E o velho Davidet que por detraz do balcão a luz minguada e baça de um candieiro de petroleo estava á espera dos freguezes ficou altamente admirado com a visita que receberam de um bufarinheiro que não conhecia e o qual presumiu que lhe viesse propor qualquer negociosinho pouco claro.

Mas a admiração do joalheiro durou pouco tempo. O facto de não conhecer o bufarinheiro não valia nada: o que se queria era negocio, e mesmo não era nada de admirar que apparecesse alli um novo vendedor pois que esta gente percorre toda a França de lés a lés com os seus bazares ambulantes. Veem das praias do Mediterraneo até ás costas da velha Bretanha, até ao Canal de Mancha, e dá-se o caso muito frequente de que por vezes um certo bufarinheiro desapareceu para só d'ahi a annos tornar a apparecer.

O velho Davidet preparou-se para mostrar ao bufarinheiro a sua superioridade. Estava acostumado a fazer valer os seus meritos.

O vendilhão ambulante, um individuo já velho e achacoso e a quem os cabellos desalinhados e corredios sahiem do debaixo do chapen de feltro, remechou com mãos curiosas e olhares cubigosos nas caras e valiosas joias que o joalheiro tinha em exposição. Coisa que lhe parecesse preciosa era logo posta de parte; alguns broches dos chamados, «de volta», aneis doirados com pedras sem valor algum, frivolidades que nenhum prestimo ou valor estimativo poderiam ter tirava-os elle para fóra e punha os de parte antes de proceder á ultima escolha.

Depois de feita esta, começou a parte mais aborrecida e difficultoso do negocio, o ajuste.

A differença entre o que o velho offerecia e aquillo que Davidet exigia, parecia irreductivel e interminavel. Ambos estavam firmes como duas rochas e não

sahiam d'aquillo que chamavam, o maximo que podiam dar e receber.

O vendedor ambulante puxou as sugissimas farripas que lhe cobriam a cabeça e dispunha-se com um significativo encolher d'ombros a abandonar o estabelecimento, quando repentinamente como se se lembrassem de alguma coisa, se voltou para Davidet.

—Podia-me vocemocê arranjar umas pedrasitas de que preciso! Fui encarregado por algum em Orleans de arranjar umas pedras que essa pessoa que é um dos meus melhores freguezes muito deseja ter.

—Que pedras são? perguntou Davidet.

—Espere; já lhe mostro; replicou o velho.

Rebuscou com a mão na larga e atulhada algibeira da velha calça e tirou de lá um lenço de cores variagados e que estava tão porco e usado que mal se lhe podiam conhecer os desenhos.

Collocou sobre o balcão o lenço que apresentava um nó muito apertado, e poz-se a desatal o. Em seguida abriu o lenço e poz á vista alguns rubis pequenos e facetados que distacavam sobre o fundo sujo e negro do lenço.

O vendedor pegou com todo o cuidado n'uma das pedrinhas e pôl-a quasi que em cima do nariz de Davidet.

—Precisava ahi de uma centena disse o velho. O freguez que m'as encomendou vae-as empregar n'um trabalho de egreja e não me é possivel arranjar-lhas todas. E' o diabo! porque se me escapa um bom negociosito!

O joalheiro olhou para os rubis e abanou a cabeça.

—Isto parece mais poeira do que outra coisa. Tão pequenas não tenho; maiores, sim.

—Se não forem muito maiores... disse o bufarinheiro.

Davidet abriu as pesadas portas de ferro de um cofre forte que estava collocado a um dos cantos da casa. Da escura profundeza do cofre o qual mal poderia resistir a um gatuno por mais inexperientes que fossem as mãos d'elle, tirou o joalheiro uma caixinha de faia. Em seguida fechou o cofre e voltou para o balcão.

Abriu á caixinha e poz-lhe na frente quatro rubis do tamanho de uma ervilha, pouco mais ou menos.

—E' o que tenho e se lhe serve posso arranjar muito mais.

Parece que as pedras não desagradavam ao bufarinheiro pois que as examinou com olhar de entendido na materia e perguntou por fim.

—Quantas me podia vocemocê arranjar ao todo?

—O homem que m'as trouxe disse que tinha umas sessenta, replicou Davidet. Talvez que ainda as tenha.

Aquelle numero pareceu surprehender um tanto o

bufarinheiro pois que não pôde impedir um movimento de alegria.

O joalheiro a quem este movimento não escapara tomou-o como um prenuncio de bom negocio e dispoz-se a explorar bem a occasião, pois que sem esperar que o bufarinheiro perguntasse o preço disse logo:

—Cada uma não vae por menos de 12 francos.

—Doze francos? Nada, nada! é muito caro! replicou o bufarinheiro. Mas diga-me só uma coisa: diga-me onde mora o typo que lh'as vendeu porque então dou uma saltada até lá e compro quantas elle tiver e depois dou-lhe uma certa commissão a vocemecê...

—Lá isso é que eu não faço, disse Davidet, e de modo nenhum digo onde as fui buscar. Se quizer as pedras tem de as comprar na minha casa.

Começou de novo uma disputa entre vendedor e comprador. O bufarinheiro fez todo o possível por diminuir o valor dos rubis, mas todos os esforços foram baldados. O joalheiro tinha percebido que era exactamente aquella marcadoria que o freguez do bufarinheiro desejava, e ficou inabalavel no que dizia respeito ao preço.

O bufarinheiro pareceu vêr que lhe era impossivel obter uma redução no preço e puxando por uma bolsa de lá contou quarenta e oito francos deante do joalheiro. Em seguida pegou nas pedras e guardo-as no lenço junto das outras, tendo o cuidado de dar um nó bem apertado no lenço e de o mergulhar na algibeira da calça.

—E quando é que posso ter as outras? perguntou.

—Parece-me que lá para o principio da semana que vem.

—Ora! A esse tempo já eu cá não estou em Marselha! replicou o bufarinheiro. Vou ás festas de Avinhão no sabado, e depois toca a ir calcuriar toda a região que é um consolo. Não pôde ser. Oiga lá o que lhe digo. Quando vocemecê tiver cá as pedras escreva-me para Avinhão, para Julio Sarrien, Hotel Mistral. Vou lá muitissimas vezes. E veja lá se me faz um abatimentosinho!...

Davidet tomou nota da direcção e a perspectiva de fazer um bom negocio tornou o mais polido e cortez do que era seu costume indo acompanhar até á porta o freguez e despediu-se depois d'elle.

O vendedor ambulante começou a descer a calçada a passos lentos até que chegou á rua principal voltando a esquina.

Como se encontrasse já longe do olhar investigador do velho Davidet, sentiu-se mais á vontade e ganhou nova coragem; os passos tornaram-se mais firmes, a estatura mais desempenada, e com uma certa elasticidade que estava em completo contraste com os cabellos grisalhos, poz-se a caminho pela Cannebière fóra em direcção ao proximo caminho de ferro.

E os passos eram cada vez mais firmes dando a

perceber que desejava attingir uma certa e determinada carruagem.

Porém mal tinha chegado á estação quando afrouxou o passo e lançando em roda um olhar perscrutador entrou na gare.

Um mancebo que trajava um pouco melhor do que o vendilhão e esperava encostado a uma das columnas, saiu da sua posição e dirigiu-se para o recém-chegado.

Ambos se cumprimentaram em voz baixa e o mais moço interrogou o outro com o olhar

—Já compreendi, Harry: a curiosidade do costume não é verdade? disse o vendilhão sorrindo.

—Descobriu alguma coisa mestre? perguntou o mais novo dos dois.

—Uma ninharia! replicou o velho. Já dei com o estabelecimento onde o assassino do barão de Chavresac procurou vender uma parte da sua rapina. O começo não é nada mau, e em breve teremos melhor, meu caro Harry!

CAPITULO IV

Nas festas de Avinhão

As festas de Avinhão duram uma semana e começam á sexta-feira. Ora no anno em que isto se passou, as festas estavam concorridissimas e a sexta-feira e o sabbado eram dias em que as festas assumiam um grande brilho. Aos habitantes da cidade juntavam-se os forasteiros vindos de todas as regiões visinhas e forasteiros estes que a cada passo desembocavam da estrada real, todos endomingados e em alegres bandos indo juntar-se na Grande Place e enchendo as barracas e lojas que lá havia.

A Grande Place, d'aquella cidade do sul da França, corresponde aos nossos mercados provincianos embora é claro, n'aquelles dias de festa assumia umas proporções muito mais avantajadas, devido não só ao temperamento alegre e vivo dos habitantes d'aquella abençoado torrão da Provença como também á circumstancia de se estar em dias de festa, aquelles dias em que todos deixam as suas casas para ir folgar e em que a alegria reina por toda a parte sob o ceu azul e cheio de sol.

Para aquella viva e turbulenta alegria da formosa terra provençal para toda aquella onda de povo folgazão e inimigo de tristeza a Grande Place era o ponto de reunião onde vibravam as notas alegres dos cantos e das danças regionaes.

Precisavam de ar, de liberdade, e por isso a Place regorgitava. Parecia estreita, acanhada para conter

toda a movediça multidão que lá estava. Por entre as variadas e ricas lojas appareciam os carrousseis, as barracas de tiro ao alvo, os theatros de fantoches e de variedades, e os provincianos olhavam embasbacados para aquillo tudo,— gente que rarissimas vezes podia ver semelhantes coisas que para elles resumiam toda a belleza e todo o encanto,— e paravam deante de um estrado aonde um colosso qualquer se exhibia mostrando ao respeitavel publico a força prodigiosa da musculatura, a qual quasi desaparecia debaixo da espessa e molle gordura, de que era dotado o athleta, e convidando o publico a entrar no circo onde se ia travar dentro em pouco uma lucta terrivel. Outras vezes era um variegado e berrante theatro ou cinematographo que atrahiam as attensões do povinho, ou então— e isto era era a attracção principal, o que de melhor havia na feira— a mulher que n'uma barraca de lona defronte da *Mairie* exhibia a sua pobre figurinha de anã e n'um tom de voz arrastado e rouco mais parecendo o crocitar d'um corvo convidava a assistencia a ir assistir ao espectáculo que se ia dar.

E o caso é que segundo parecia o negocio não lhe corria mal. Também o que ella offerecia aos circumstantes era de molde a arregalar o olho a todos os bravos e honestos burguezes de Avinhão, despertando-lhes a curiosidade.

—O Fratricidio de Avinhão! berrava a pregoeira: o grande e horrivel crime da Cova do Diabo! Um moderno Caim!...

E ao mesmo tempo apontava para um pintalgado cartaz fixo na parede da barraca ao lado da porta e que tinha o poder necessario para apoiar as palavras da mulhersita. Sobre um dos variegados cartazes via-se o assassino, a quem o pintor seguindo a opinião do povo d'era ou procurara dar as feições do barão Paulo de Chavresac.

O barão vinha a sair de dentro de umas moitas de arbustos e brandindo um punhal precipitava-se traçoeramente sobre a victima que ia a subir para o automovel muito descansada da sua vida.

Havia um outro quadro, ou cartaz como se lhe queira chamar, igualmente pintalgado e que se encontrava fixo ao outro lado da porta de entrada e mostrando o assassino que ia a precipitar a victima juntamente com o automovel por um barranco abaixo, tendo no rosto um sorriso ironico e significativo que lhe fazia entrever os dentes.

E o vento ao aflorar os dois cartazes dava-lhes uma tal ou qual vida, fazendo esquecer a ingenuidade e primitivo da pintura de cores berrantes. As figuras estremeciam, pareciam querer-se mover e emprestavam ao conjunto um certo tom dramatico, pungente, e ao mesmo tempo excitante para a curiosidade do povo.

No interior da barraca um individuo qualquer cantava uma especie de fado cujo assumpto era, é claro o crime, e illustrava cada estrophe ou cada passagem d'esta, apontando para uma fileira de quadritos que representavam cada um uma phase da vida do criminoso, o crime e o castigo competente.

A phantasia do pintor bem como a do modesto poeta popular corriam parelhas uma com a outra e, diga-se em abono da verdade, não se tinham deixado influenciar muito pela verdade historica dos factos. A vida que o supposto criminoso tinha levado antes da sua prisão estava já manchada por uma serie de vilzeas e, de crimes espantosos e, como o cantador poeta, duvidava de que a decisão do tribunal agradasse aos espectadores que se apinhavam na sua frente, ao dizer as palavras o assassino indicava o e no quadro seguinte terminava a canção mostrando o a espiar no cadafalso, debaixo do oculo da guilhotina a sua longa serie de crimes.

Cá fóra da barraca estava postado um bufarinheiro com a sua carriola. Era o velho Sorrien a quem o nosso leitor já viu no estabelecimento do joalheiro Davidet.

Ter-lhe-ia dado mais resultado se tivesse posto a carripana n'outro sitio qualquer mas segundo parecia o logar agradava-lhe, pois não se importava de ver todos os outros vendilhões sem excepção do outro lado da praça, deante da egreja.

Mas, innumerados tinham sido os vendilhões occorridos de toda a parte ás festas e d'ahi quem sabe lá as razões que tinha o matreiro Sorrien para se não approximar da numerosa concorrência!

A parte da frente do seu carrito ostentava uma enorme multidão de objectos de todas as especie imaginaveis, taes como adornos baratos, bijuterias sem valor nenhum e mil outras trapalhadas, tudo isto provido de letreiros por onde se via que a solidez das mercadorias expostas rivalisava com a barateza.

Sobre o carro havia uma taboleta de folha de Flandres onde se lia a inscripção seguinte pintada em caracteres bem visiveis:

—*Julio Sorrien. — Joalheria e bijuterias. — Compra e vende objectos d'ouro.*

Mas a um observador experimentado não passaria despercebida a pouca attenção que o velho Sorrien prestava ao negocio. Era maior mas muito maior a attenção com que elle, do seu banquito ia seguindo a multidão que se apinhava defronte da barraca onde se desenrolava a historia do crime, contada pela maneira que já sabemos.

Parecia que observava bastante conscienciosamente a gente que entrava e saia. E quando por acaso uma camponesa ou um lavrador se approximavam d'elle para apreçar um objecto qualquer, nunca elle durante o tempo que a fregueza ou freguez regateavam ne-

gocio (negocio que rariissimas vezes chegava a um accordo) deixou de observar o movimento de entradas e saídas da barraca.

Agora approximava-se um casal, marido e mulher, segundo parecia, e o qual estivera escutando por muito pouco tempo a parlanga da pregoeira.

O homem, um individuo de seus cincoenta annos com a cara emoldurada por um par de suissas espessas, parecia que se ia dirigir ao quinquilheiro quando de repente um individuo lhe collocou a mão no hombro, dizendo:

—E' tio Leblanc, vocemecê hoje deixou a loja?

O camponez pareceu ficar contrariado com aquelle encontro que o estorvava de fallar com o bufarinheiro.

Este ao ouvir o nome do camponez pareceu diminuir de attenção para com a barraca. Dedicou-se todo á sua lojita ambulante mas por sob as largás abas do chapéu ia expiando o casal a quem o importuno amigo estava fallando. Procurou com a maior attenção seguir a conversa dos tres, applicando o ouvido com todo o cuidado.

Via se bem que Leblanc dava a todos os diabos o encontro que tivera. A mão que mettera na algiheira na intenção de tirar de lá qualquer coisa, saiu completamente vazia e apertou a do tal individuo.

Primeiro parecia atrapalhado. Mas bem depressa cobrou animo pois que n'um tom de voz segura respondeu.

—Não, Matheus; deixámos lá ficar Pimbeche, e á noite quando vierem hospedes já nós lá estamos.

—Então agora ha muito que fazer? disse Matheus.

—Não, suspirou a sr.^a Leblanc, a hospedaria está completamente vazia. Durante as festas a hospedaria não tem concorrência. Vão todos para Avinhão.

—E' verdade! é verdade! confirmou Leblanc agora podemos passar uns dias descansados e divertirmo-nos. Desde hontem que estamos aqui, hoje á noite raspamos e amanhã v-m Pimbeche que tambem é gente e tem direito a ver festas.

Estiveram ainda a conversar por uns momentos e em seguida o tal individuo despediu-se do casal o qual ficou ainda indeciso por algum tempo deante da barraca do ourives ambulante andando para cá e para lá sem se atrever nenhum d'elles a dirigir se á barraca.

Por fim decidiram se. Sorrien tinha feito de conta que nada era com elle, e quando os dois se approximaram não fez caso d'elles e continuou a servir uma pessoa que desejava comprar qualquer coisa, mas a quem como ás outras o preço exaggerado dos objectos fez recuar por fim.

Em seguida o quinquilheiro voltou-se para o par inquirindo do que desejava.

O homemsinho tirou da algiheira um estojo, d'ali um rubi, o qual apresentou a Sorrien com as seguintes palavras:

—Vamos lá a saber: o que diz vocemecê a isto, Quanto vale?

O velho quinquilheiro perguntou polidamente se era para vender.

—Não é isso que me importa. O que eu quero saber primeiro que tudo, é quanto vale i-so.

O velho tomou a pedra nas mãos voltou de todos os lados e em seguida perguntou decididamente ao vendedor quanto queria por ella.

—Pois bem: venham de lá dez francos! respondeu o hospedeiro.

—Não me serve. Primeiro que o preço é muito exaggerado, disse o vendilhão com uma voz completamente socegada, e em segundo logar p'ra que diabo me serve a mim uma pedra só? Estar uma pessoa a gastar dinheiro inutilmente, ou até que um comprador se lembre, por um caso raro e nunca visto de m'a vir comprar... Nada; não me serve. A não ser que vocemecê tenha ahi mais, porque então é depois a mim muito mais facil applical-as e podermos chegar a um accordo...

—Se é só por isso, tenho ainda mais eguaes ou parecidas, disse o camponez.

—Quantas mais tem vocemecê, perguntou o quinquilheiro surratemente.

—Sessenta.

E o camponez proseguiu.

—O que lhe não posso dizer é que sejam todas do mesmo tamanho pois que ainda as não vi, embora estejam ha já muito tempo em meu poder.

—Onde é que vocemecê foi arranjar tantas pedras? perguntou o quinquilheiro com uma indiferença muito bem simulada.

—Eu lhe digo. Eu tenho uma hospedaria, aonde vão ficar muitos bufarinheiros e os quaes muitas vezes se demoram por lá, e quando o negocio lhes não corre bem e não podem pagar as despesas que fizeram, deixam-me ficar uma parte da sua mercadoria como penhor. Na maior parte das vezes porém não pagam, e assim acontece que com o decorrer do tempo se tornam minha propriedade. Cá a minha mulher não gosta de joias, e não tenho filhos: de modo que tenho todo o interesse em me desfazer d'estas pedras e de todo o resto que me não serve para nada. O que eu quero é dinheiro.

—Bem: n'esse caso quer-me vender as sessenta pedras? perguntou o quinquilheiro.

—Sim senhor, se vocemecê está aqui amanhã. Vendo lh'as por seiscentos francos, tornou o hospedeiro a quem a ideia de ir receber aquelle dinheiro todo, fazia estremecer de prazer.

—Diga antes quinhentos francos e temos talvez o negocio arrumado. Do contrario vá procurar um outro comprador, o que me parece que lhe não será muito facil.

A sr.^a Leblanc que até então assistira á scena como simples espectadora, deu uma cotovellada ao marido como se lhe quizesse dizer: Dá-lhe lá as pedras homem! Quanto mais depressa estivermos livres d'ellas, melhor!

O velho Sorrien que tinha visto muito bem o movimento da mulher, embora fingisse que se occupava com o pôr em ordem algumas das mercadorias do seu carrinho teve um sorriso imperceptivel, um sorriso significativo e que escapou aos dois esposos.

Leblanc parecia hesitar e depois disse que precisava de reflectir. As festas duravam ainda algum tempo e portanto despediu-se do quinquilheiro promettendo voltar dentro de alguns dias. Em seguida travou do braço da sua cara metade e dentro de alguns minutos o digno par tinha desaparecido por entre a multidão que se agitava na praça.

Mas para o quinquilheiro o negocio parecia agora apresentar um interesse muito mesquinho. Todo o seu empenho se apagara. Com uma pressa febril e que a sua apparencia debil mal faria suppor, começou a arrumar as caixas e estojos da quitanga, tirou a taboleta e estendeu um oleado preto por cima das magras preciosidades que havia no carrinho. Em seguida pegou nos varaes do carro e foi empurrando para uma das ruas lateraes na qual estava situado o hotel Mistral.

Ao chegar ao dito hotel que mais parecia uma réles estalagem, recolheu a carriola dentro de um telheiro e em seguida entrou no escuro vestibulo por onde se ia para a casa de jantar.

A casa estava deserta, e sómente junto de uma janella é que encontrava um mancebo olhando para o copo de vinho que tinha na sua frente.

O quinquilheiro lançou um olhar perscrutador a toda a sala. Por detraz do balcão da loja que ficava contigua á casa de jantar, estava sentada uma pobre mulher a cujos ouvidos não pode chegar o «Harry!» dito em voz baixa pelo quinquilheiro.

O individuo que o vendilhão ambulante se dirigiu olhou dissimuladamente o velho seguindo-o com os olhos, e quando elle entrou na casa de jantar esperou uns momentos e depois seguiu tambem para a mesma sala.

O velho esperava-o ali e protegidos pela escuridão que enchia o corredor entraram ambos na sala.

—Já sabia que devias cá estar, disse n'um tom de voz quasi imperceptivel e certamente em inglez, pois que o outro respondeu, servindo-se da mesma lingua:

—Quasi que o não conhecia mestre! Então o que foi que descobriu?

—Estou no rasto dos miseraveis, disse uma voz que mal se ouvia!

Houve uma pausa, durante a qual se certificou de ue ninguém o via. Por fim ajuntou.

—Fica aqui Harry. Espera por mim: volto tão depressa quanto seja possivel.

Dizendo isto o quinquilheiro em quem o leitor de certo já reconheceu Sherlock Holmes deixou ficar o hotel Mistral e o seu fiel discipulo Harry Taxon.

CAPITULO V

Uma visita á prisão

Na cella da prisão onde Paulo de Chavresac fôra encerrado, não penetrava o minimo echo das festas. O pobre prisioneiro que esperava a sua sorte encerrado n'aquella estreita cella, poderia ter passado radiante de esperança o dia de sabbado, pois que n'esse dia o tribunal pronunciara-se favoravelmente e o crime de Avinhão ia ser julgado outra vez.

Mas o advogado que de manhã cedo correria logo á prisão a noticiar ao seu cliente a alegre noticia, ficou muito espantado ao notar como o seu contentamento não era parilhado e quando de tarde voltou para tratar com Paulo de Chavresac dos negocios attinentes, á sua remoção para a prisão de Marselha, remoção que se devia realizar no dia seguinte, notou que a attitude do seu cliente não tinha mudado em nada.

O homem que luctava pela sua innocencia via sem esperanças nenhuma as novas diligencias a que agora se ia proceder: a sua esperança residia unicamente em Sherlock Holmes.

O advogado a quem o silencio de Sherlock-Holmes, silencio que já durava havia algumas semanas, tinha abalado muito a esperança anterior, deixára de contar com elle. Enviára varios telegrammas para Londres e a nenhum tivera resposta. Não ousava, porém, abalar a convicção que Paulo de Chavresac possuia no grande policia. E foi um tanto desconsolado que deixou a cella do preso cuja obstinação e pertinacia não podia comprehender.

Foi para casa. O seu escriptorio n'aquelle dia estava fechado, é claro. Dirigiu-se, porém, para lá e quiz aproveitar o tempo para no meio do silencio que o rodeava reler mais uma vez o volumoso processo do seu cliente.

N'isto, porém, entrou o criado e disse-lhe que um sujeito que estava lá fóra e que de modo algum queria dizer o seu nome, desejava falar ao sr. doutor.

O advogado não esteve para se incomodar e disse ao criado que não recebia ninguém. Comtudo, d'ahi a pouco o servo tornava a vir ter com o patrão, dizendo que o velhote precisava a todo o transe falar com o advogado e que logo que este soubesse o fim

que alli o levava com certeza que ficaria contente.

O advogado sentiu-se espicado pela curiosidade e mandou entrar o velho.

Julio Sorrien, o quinquilheiro, ou antes Sherlock-Holmes, entrou no aposento e depois de o criado se ter retirado, approximou-se da secretaria de Lagasse e sem responder ás perguntas d'este, deu-se a conhecer:

—Muito me alegra que o senhor me não tivesse conhecido com este velho trapo que trago em cima do corpo, disse rindo, já vejo que o meu disfarce deu resultado. Mas, que demonio, não quero que esteja por mais tempo a matar-se sobre quem é que eu sou.

E, dizendo estas palavras, puxou pela cabelleira postiga, a qual estava ligada á barba, e o joven e enérgico rosto de Sherlock appareceu todo sorridente ao advogado.

—O quê? é o senhor? exclamou Lagasse admirado. Já julgava que tivesse posto de parte o nosso caso...

—Ainda me não conhece, senhor, disse o policia, aliás não teria supposto semelhante coisa. Penso tão pouco em abandonar o caso que já descobri quem são os assassinos do Barão Bernardo de Chavresac.

Lagasse deu um salto como se tivesse sido picado por uma tarantula.

—Sabe o nome do assassino? Diga-m'o e tudo está resolvido; a partida está ganha...

—Alto lá! Não vamos tão depressa! replicou o grande policia. Embora eu saiba quem é o assassino, isso não tira nada, pois que preciso de provar que effectivamente assim é. Mas espero dentro de oito dias ter nas minhas mãos todas as provas necessarias. Até lá, peço-lhe que tenha paciencia. Por enquanto nenhum nome lhe digo: vim apenas para lhe dizer que o nosso negocio vae ás mil maravilhas, e pedir-lhe tambem que fosse levar ao seu cliente estas palavras que lhe acabo de dizer.

O defensor pareceu tomar o silencio do policia como um acto de desconfiança para com elle, Mas Sherlock-Holmes apressou-se a certificar-lhe que o seu segredo de modo nenhum correspondia a uma medida de desconfiança, mas sim a um costume que tinha, a uma medida de precaução que adoptava para com todas as pessoas.

Pedi em seguida ao defensor alguns esclarecimentos ácerca de certas pessoas que entravam no processo. Informou-se da reputação que tinha a viuva do morto, pediu tambem esclarecimentos ácerca de certas testemunhas e principalmente ácerca de algumas que mais intimamente privavam com os Leblanc.

Mas o que o advogado lhe disse de modo algum correspondeu ás informações que desejava. Legasse não sabia mais a seu respeito do que aquillo que Sherlock ha já muito que sabia, e o policia deixou o escriptorio do Dr. Legasse um tanto ou quanto des-

apontado, depois de novamente ter posto as barbas e cabelleira, que o tornavam no velho Sorrien.

CAPITULO VI

Na hospedaria Leblanc

Tinham-se passado dois dias. A hospedaria que havia na estrada de Avinhão e da qual se podia ver, embora muito ao longe, as torres da cidade, recabira de novo no seu silencio habitual. Leblanc estava sentado á porta, fumando o seu cachimbo, ao mesmo tempo que a mulher d'elle ia preparar a ceia para os dois.

Pimbeche, o criado da hospedaria, obtivera licença e fôra para a cidade. Os dois Leblanc estavam, portanto, sósinhos. Hospedes não havia nem os esperavam. O negocio em termos só viria quando a semana das festas tivesse acabado e os negociantes fossem de novo para o norte, para ahi armarem as barracas. A partida todos paravam mais ou menos na hospedaria de Leblanc, a qual lhes ficava no caminho e lhes permitia descansar ahi um pouco. Então enchiam-se não só os quartos da hospedaria mas até o celleiro, e os dois dignos esposos e o criado Pimbeche viam-se attonitos para dar expediente a todo o trabalho.

Agora porém havia descanso, e o hospedeiro levantou-se e ia para dentro de casa para ceiar, pois que a mulher já o estava chamando, quando, n'uma volta que o caminho fazia ao sul, viu approximar-se um velhote que parecia muito fatigado, porque vinha a passos lentos, empurrando adiante de si um carrinho de mão.

O velho foi-se approximando e Leblanc reconheceu bem depressa o bufarinheiro com quem no domingo tivera a conversa a respeito da compra das pedras, e a quem promettêra ir procurar no dia seguinte para ultimarem ambos o negocio.

Comtudo o vendilhão pareceu não reconhecer o hospedeiro, pois que, depois de lhe dar as boas tardes, ia para continuar o seu caminho quando Leblanc o deteve.

—Então vocemecê já me não conhece? disse para o vendilhão, que apresentava uma cara muito espantada. Estive no ultimo domingo a conversar com vocemecê e combinamos um negocioso. Quero-lhe vender as minhas sessenta pedras e pensava em amanhã ir ter com vocemecê a Avinhão. Porque foi que deixou já as festas?

O ourives ambulante suspirou profundamente:

—Ai, o negocio corre tão mal este anno. A praça estava cheia de concorrentes, e vae d'ahi peguei em

mim, vi que não fazia nada e puz me a andar. Antes quero ir ás aldeias cujos habitantes não veem a Avinhão. Vou lá ver se faço algum negocio.

—E o nosso? perguntou Leblanc.

O quinquilheiro pareceu indeciso.

—O tempo está tão mau para isso!... murmurou o velho. Não me quero arriscar... nem ao meu dinheirinho.

—Mas vocemecê dizia que tinha talvez quem lh'as comprasse... rosnou o hospedeiro desapontado.

—Sim, isso é verdade! replicou o quinquilheiro. Reflectiu um bocadinho e depois disse:

—Bem! mostre-me lá as pedras.

Leblanc accedeu ao que lhe pedia.

—Homem, você pode até passar aqui a noite, disse. Fazemos o nosso negocio com todo o socego e amanhã vocemecê segue o seu caminho.

O bufarinheiro não oppôz coisa alguma. O carrito foi recolhido n'um telheiro que havia ao lado da hospedaria e depois ambos os homens entraram na hospedaria.

Uma unica e vasta sala constituia todo o andar terreo. D'aqui partia uma escarpada escada de caracol e que ia dar até ao pavimento superior. Por detrás da escada a sala continuava estreitando gradualmente e indo ter á adega. A um canto, como o nicho de um gigante, abria-se a grande chaminé, na qual ardiam algumas achas. Proximo havia uma cuba gigantesca cheia de agua e que estava meio enterrada no solo. Uma mesa, cadeiras, uma outra mesa redonda proximo da janella que olhava para a estrada e eis a estalagem Leblanc.

Sobre a mesa redonda estava a ceia.

O estalajadeiro convidou o nosso Sorrien, ou, como d'aqui em diante lhe chamaremos, Sherlock-Holmes, a tomar parte da modesta refeição e Sherlock accitou, ao mesmo tempo que ia inspecionando com o olhar arguto o aposento inteiro. Deixou passear o olhar casual mas não desattentamente sobre as mesas, as cadeiras, a chaminé, a poderosa cuba, os degraus da escada e as paredes. Nada lhe escapou. Mas ainda nada tinha descoberto que pudesse dar ás suas suposições a certeza de que tanto careciam.

Ao olhar, porém, para a mesa onde estava posta a ceia, descobriu a um dos cantos um certo estrago que lhe deu que pensar.

Sentou-se de modo que, pousando a mão esquerda sobre a mesa, podia casualmente apalpar a superficie d'ella. Parecia que se tinha batido ao canto da mesa com toda a violencia e com um objecto de ferro.

Procurou depois fazer investigações no chão. Mas a luz era insufficiente, o que lhe dificultava a tarefa.

De repente, porém, viu brilhar aos pés da mesa um objecto qualquer como a cabeça de um alfinete,

Fingiu que deixava cahir a faca com que ia partir o pão e curvou-se para a apanhar.

Foi muito disfarçadamente apalpando o canto da mesa, ao mesmo tempo que estendia a mão para o tal ponto brilhante. Mas esse objecto, cuja natureza elle ainda não pudéra precisar, estava muito enterrado no chão. Teve, pois, que se deter por um momento. Metteu-lhe as unhas dos dedos e com a outra mão apanhou a faca e muito descaçadamente, como se nada tivesse acontecido, sentou-se e continuou a comer.

Acabada a refeição, a hospedeira arrumou a louça e Leblanc levantou-se, dizendo:

—Bem, agora vou-lhe mostrar as pedras a vocemecê.

O supposto bufarinheiro fez um signal affirmativo com a cabeça e voltou-se para a hospedeira, que se occupava com o fogo da chaminé. Mas o caso é que o celebre policia não perdia nem um só dos movimentos de Leblanc.

Este dirigiu-se para a adega descendo uns degraus.

Era, pois, alli que estavam as joias.

Holmes sentia-se contentissimo com a descoberta que fizera e quando Leblanc voltou e se sentou á mesa, alumiada fracamente por um candieiro de petroleo, Sherlock Holmes voltou tambem para o seu logar. O dono da casa abriu um sacco de tela branca e deitou sobre a mesa as pedras que elle continha.

O supposto vendilhão remexeu com dedos febris no montão das pedras, pegou em algumas, collocou-as contra a luz e deixou-as depois cahir. Não lhe restava duvida nenhuma de que as pedras tinham pertencido ás joias roubadas ao assassinado. Mas aquillo nada era em comparação com o que fôra roubado da caixa das joias. E as suas suspeitas mais se radicaram ao ouvir o estalajadeiro, que lhe disse depois:

—Se hoje fizermos este negocioso, podemos talvez depois fazer outros bem bons. Tenho ainda cá muita bicharada de que preciso de me desfazer.

Começou então a disputa ácerca do preço. Fiel ao seu papel de ourives ambuante, Sherlock desmereceu o valor das pedras. O hospedeiro ripostou, mas o caso é que o negocio ficou concluido como Sherlock desejava. As pedras, que primitivamente valiam 600 francos, passaram a valer 400, preço pelo qual o bufarinheiro as adquiriu. Sherlock-Holmes puxou por uma sujissima bolsa, d'onde sacou com uma expressão de desgosto quatro centenas de francos. Em seguida enrolou as pedras no lenço e metteu tudo dentro da bolsa, que depois fez desaparecer na algibeira.

—Vocemecê tinha razão, disse elle quando o negocio estava concluido, com grande alegria do hospedeiro. E' já muito tarde: tenho que cá ficar e passar cá a noite.

Já passava das dez horas quando Leblanc se levantou e propoz irem se deitar.

CAPITULO VII

A surpresa

Sherlock Holmes foi para o seu quarto, momento este que elle esperava com impaciencia.

Chegado lá caminhou para a porta e abriu o ferrolho. Pela inspecção a que procedera sabia que estava livre de qualquer estorvo. Caminhou pois para a meza sobre a qual estava a luz, puxou pelas pedrarias adquiridas e tirou do boiso do collete o montinho de terra que tinha apanhado do chão, procurando examiná-lo á luz.

Pelo que dizia respeito ás pedras nada pôde descobrir. Sómente se conhecia que tinham sido arrancadas. Era interessante o achado que o montinho de terra escondia. Era um bocadinho insignificante de metal que Holmes com todo o cuidado livrou da camada de terra que o cobria. Em seguida poliu-o com o lenço e ao mesmo tempo que um dos lados ficava brilhante o outro permanencia negro.

Sherlock percebeu bem depressa o que aquillo queria dizer. Aquelle pedacinho de metal era uma parte dos embutidos que cobriam o cofre. Sherlock conhecia muito bem a arte japoneza e não lhe custou nada a reconstituir o todo a que aquelle pedacinho pertencia.

Os ladrões tinham batido com o cofre cujo mysterioso mecanismo permanecera inviolavel. Raiosos tinham batido com o cofre sobre a meza. D'ahi os vergões que os cantos da meza apresentavam. Ao baterem com o cofre saltara uma parte dos ornatos e o policia convenceu-se d'isso porque procedendo a uma nova investigação no montinho de terra encontrou novos pedacitos de metal e o policia resolveu-se então a ir emprender uma nova busca na casa.

Contente com o resultado que as suas investigações tinham tido, tornou a metter tudo na algibeira, certificou-se de que tanto a sua Browning como a lampada de algibeira estavam em bom estado, collocou a cadeira proximo da porta, á qual corra o ferrolho e apagou a luz.

Sentando-se na cadeira esperou nas trevas que o digno casal subisse, visto que ia dormir para o segundo pavimento. Poz-se á escuta e em breve deixou de ouvir os passos dos dois que se dirigiam para o quarto de dormir. Ouviu fechar uma porta e em seguida abriu a porta sem ruido. Bastou-lhe um clarão da lampada electrica para se orientar e usando de to-

das as cautellas poz-se a descer a escada, sem tropeçar e em direcção á porta da cave.

Esta estava fechada. Sem se deter muito com a fechadura continuou a descer a escada, desatarraxou uma das portas e assim foi ter á cave.

A cave parecia sufficientemente azada para o fim permissivo e em tempos tivera dentro as provisões de vinho e os combustiveis para a estalagem. Dois enormes toneis, um montão de garrafas vasiaas, um siphão etc. e as paredes, cobertas de musgo bem o davam a entender.

Holmes olhou em redor. Todos os cantos que havia, todos elle inspecionou egualmente. O que porém o interessava principalmente era achar o sitio do esdrijo da rapina.

Continuou a descer a escada até ir ter em frente da adega. O olhar foi-lhe attrahido subitamente pelas numerosas teias de aranha que cobriam a parede. Mas a certa altura a rede de teias de aranha estava destruida e mostrava uma larga brecha. Um raio de contentamento brilhava no rosto do policia ao ver aquillo.

Assim era a meio da escada que o assassino escondia a sua rapina!

Subiu outra vez a escada curvou-se para um dos lados e poz-se a tactear com a mão esquerda pelo meio da brecha aberta entre as teias de aranha.

O estuque, ou antes a argamassa estava deslocada e solta n'aquelle sitio e a mão chocou contra alguma coisa que parecia ser uma caixa de charutos. Ao lado havia qualquer coisa maleavel e macia. Sherlock Holmes puxou por ella. A luz da lanterna reconheceu que era uma carteira de marroquim vermelho e que condizia com aquella que pertecera ao assassinado Barão de Chavresac.

No couro estavam impressas as armas dos Chavresac: três cabeças de falcão com a legenda: *Semper idem*.

Sherlock Holmes abriu a carteira. O conteúdo d'ella parecia estar intacto pois que não só lá estavam n'um dos lados os vinte mil francos como também no outro repartimento da carteira estavam alguns bilhetes de visita do assassinado, um recibo de arrendamento de uma propriedade e que igualmente tinham o nome do infeliz. O policia metteu tudo no bolso do seu casaco. Tornou a metter a mão no buraco e tirou para fóra a caixa de charutos e examinou-a á luz depois de a ter collocado sobre os degraus.

Continha como o policia tinha julgado as joias da mulher do assassinado. Por cima de todas lá estava o collar de perolas completamente intacto. Havia uma cruz de rubis que estava já muito deteriorada. Tinham-lhe tirado as pedras com instrumentos grosseiros e somente um esplendido brilhante é que se ostentava ainda na sua cravação.

O policia sabia de cór a relação das joias, a qual tinha visto juntar ao processo, e pôde assim certificar-se de que o thesouro estava ainda completo embora muitas das joias já sem as pedras. Os pentes de brilhantes, um esplendido adereço de precioso trabalho antigo, os magníficos brincos á Luiz XVI eram obras primas de ourivesaria, e tudo estava ali, até mesmo os pequeninos rubis arrancados. Tudo isso pôde ser parar á bolsa que o policia trazia e onde tudo desapareceu depois de ter sido envolvido n'um panno.

Em seguida poz no seu lugar a caixa de charutos já vasia e dispunha-se a deixar ficar a cave. Estava já satisfeito com o resultado da sua nocturna excursão.

Com toda a cautella tornou a passar pela fenda da porta e começou a pôr tudo em ordem. Estava muito interessado em fazer desaparecer todos os vestígios da sua expedição de modo a que os donos da casa não dessem pela descoberta que elle fizera.

Mas o contentamento de que estava possuido por causa do bom exito da sua empreza fez-lhe descurar um pouco a vigilancia a que sempre se entregava em semelhantes occasiões. Cuidava apenas em pôr tudo em ordem para que ninguém desse por nada e quando se inclinava para pôr o ultimo parafuso, sentiu de repente que alguém se atirava a elle. Dois braços bastante fortes cingiram-lhe o pescoço e uma voz sibilante gritou-lhe aos ouvidos.

—Ah malandro! Estavas a roubar...

Mas o assaltante foi sacudido por um violento soco que Sherlock deu ao corpo e foi parar a um canto onde ficou immobilizado pela Browning que o policia lhe apontou.

A luz da lanterna pôde Sherlock reconhecer que no escuro aposento fantasticamente illuminado estava a mulher do hospedeiro.

—Nem um grito, ouviu? Aliás vae já um tiro e poupo assim trabalho ao carrasco. Descobri o roubo que você e o seu homem fizeram e já sei quem assassinou Bernardo de Chavresac...

Sherlock Holmes ia para continuar mas não pôde. O facto de ter triumphado fizera-lhe esquecer as precauções necessarias e assim voltára as costas á escada que conduzia ao andar superior. Enquanto fallava e apontava a arma á mulher estendida por terra, caiu-lhe em cima um novo corpo mas esse mais pesado. Dois braços rodearam-no, mas d'esta vez muito mais vigorosos, e uma voz transfigurada pela ira disse-lhe n'um tom indizível.

—Ah maldito espião, soon a tua ultima hora!

Começou então uma luta de vida e morte.

Com um esforço que o desespero tornou enorme, procurou Sherlock Holmes libertar-se do torno em que se sentia cingido mas não pôde conseguir nada: os braços de Leblanc eram como cintas de ferro que apertavam o corpo do policia, conservando-o seguro.

A mulher, essa tinha-se erguido ao vêr o perigoso adversario em poder do marido.

Foi-se approximando com todo o cuidado e por ordem de Leblanc tirou ao policia o revolver que elle conservava na mão e que quasi deixára cair devido á pressão em que sentia os musculos.

Holmes viu bem o risco em que se encontrava de deixar a vida n'aquella espelunca, e como conhecia já bem a força do adversario, tornou-se-lhe evidente que não seria pela força que havia de escapar ao perigo. Só a astucia lhe podia valer, mas o que não sabia é como se havia de servir d'ella.

Leblanc, que sem que a victima se podesse utilizar de um só momento a conservava immobilizada debaixo da enorme musculatura, ordenou á mulher que fôsse buscar as cordas atrás do forno.

A mulher fez o que o digno consorte lhe ordenava e amarrrou, sempre por ordem do marido o corpo do prisioneiro.

Sherlock reconheceu que era inutil oppor qualquer resistencia e não esteve para dissipar as forças que ainda lhe restavam uma luta sem proveito.

As cordas cingiram-no por completo e foi só então que Leblanc o livrou dos seus braços de ferro.

Sherlock sentiu-se então elevado ao ar como uma penna; a força gigantesca do hospedeiro fazia d'elle como que uma bola.

O patife collocou o policia estendido por terra. As cordas que ligavam o policia foram apertadas com mais segurança e as mãos mettidas n'um laço impossivel de desatar. Em seguida e usando sempre o mesmo cabo atou-lhe as ancas e a parte superior das pernas attingido por fim as barrigas das pernas e os pés. Por fim tornaram a dar mais uns nós e descançaram depois durante uns dez minutos, os quaes foram de angustia para Sherlock Holmes, que jazia sem poder fazer um só movimento.

Os dignos consortes estavam exgotados. A enorme angustia em que se tinham visto tinha-lhes emprestado a força necessaria para ligar o intruso. Agora porém que o perigo estava posto de parte, sentiam-se possuidos de covardia e fraqueza.

—Tens que lhe tirar o que elle roubou, dizia a mulher do hospedeiro com voz rouca.

E caminhando para a escada onde Leblanc puzera a lanterna antes de se ter precipitado sobre o policia, pegou n'ella e pol-a sobre a mesa da hospedaria.

Leblanc olhou para o prisioneiro. Arquejava ainda: o esforço que fizera para se apoderar do velho Sarrien fôra muito violento.

—Temos que lhe fazer arrefecer o ceu da bocca... disse o patife para a mulher. O maroto conhece o nosso segredo.

Sherlock sentiu esfriar o sangue nas veias. Sómente um homem sabia onde elle estava aquella hora,

e esse era Harry a quem deixara, como vimos no Hotel Mistral. Só esse é que sabia onde o mestre se encontrava.

Harry sabia também as suspeitas que Sherlock tinha e também a pista que elle seguia. Se um acaso porem o não trouxesse ali e o tornasse n'um auxilio que seria precioso, então adeus Sherlock... Tinha de morrer ali...

Só uma consolação lhe restava: é que o novo crime dos Leblanc não ficaria impune. O rasto não se perderia. Harry estava ao facto de tudo e não só livraria o Barão Paulo da infamante condemnação que sobre elle pesava como também o vingaria a elle, Sherlock.

Poucas esperanças tinha de sahir d'alli com vida. Mas para um homem como Sherlock isso nada vale e aproveitam sempre todas as occasiões, todos os pretextos e meios que lhe pareçam bons para o fim que desejam. Já por várias vezes a morte estendera para ele as mãos d-scarnadas e sempre pudera afastal-as, ás vezes em circumstancias bem criticas.

Procurou alargar um pouco as cordas, mas tudo foi em vão.

Pregou os olhos sobre o par que se tinha afastado um pouco. Ambos conferenciavam e certos como estavam de que o prisioneiro se não podia livrar, falavam bastante alto, de modo que o prisioneiro os entendia muito bem.

Que desejavam e tinham resolvido dar cabo do supposto Sorrien lá isso não offerecia duvida: estavam ambos de accordo. O que os embaraçava era a morte que lhe daria porque era preciso que o corpo fosse afastado depois da hospedaria sem que despertasse suspeitas.

—Acho que o mais pratico será cortar as guellas a este patife, e em seguida atiral-o á «Cova do Diabo», dizia Leblanc.

Mas a mulher abanou a cabeça discordando; haviam de por fim dar com elle e então lá começavam outra vez as investigações e a justiça ás voltas com elles.

—Não, dizia a megéra, isso não dá resultado. O melhor meio que eu conheço para dar cabo de todos os vestigios é o fogo. Vaes buscar a tua apolice e mettel-a na algibeira. Em seguida deitamos fogo á hospedaria. Antes que se pense em vir soccorrer a casa, já ella arden e com ella este gajo.

E dirigindo-se ao prisioneiro tirou-lhe a bolsa, meteu-lhe as mãos pelo casaco, tirou-lhe a carteira e esvaziou tudo.

Holmes não podia oppor-se a isso, estava completamente immobilizado. Mas viu satisfeittissimo que uma segunda Browning que trazia na algibeira tinha escapado á inspecção da megéra.

Leblanc que estava a ver a agilidade que a mu-

lher desenvolvia na revista das algibeiras do supposto Sorrien, deu uma volta para a escada, subiu-a e quando a sua digna esposa acabara de revistar o prisioneiro tornou a apparecer na sala.

—Então já ahí tens tudo? perguntou ella.

—Sim, já cá está tudo, e mostrou a algibeira de dentro do casaco, tenho aqui o dinheiro e a apolice.

—Bem, então toma lá o que apanhei ao typo.

E estendeu-lhe a carteira do supposto Sorrien a qual elle metterá no bolso juntamente com as joias.

O velho dirigiu-se para um dos cantos da casa ao pé do lareira e Holmes que o não perdia de vista viu-o voltar com uma enorme lata de petroleo.

Sherlock poz-se a reflectir sobre que expediente havia de tomar para salvar a vida. Pareceu-lhe tudo inutil.

Mas ao percorrer com a vista o aposento para ver se não haveria uma possibilidade de fuga, brilhou de repente nos seus olhos um immenso clarão de jubilo e de esperanza.

O rosto tomou uma expressão de ironia e como se elle quizesse impellir os miseraveis á pratica do que elles tinham em vista gritou:

—Bando de assassinos!

A Leblanc lançou-lhe um olhar envenenado e cheio de odio e atirou com o petroleo em seguida para cima do prisioneiro.

Holmes estorceu-se como se quizesse fugir ao perigoso liquido e approximou-se assim da cuba d'agua. Comtudo a megera seguiu-o, derramou-lhe o petroleo no feto, e em seguida começou a deitar também o liquido pelo chão e pelas paredes. Molhou as mesas, as cadeiras, os bancos, e n'uma palavra tudo quanto havia em casa.

Lavou as mãos para tirar o cheiro do petroleo, em seguida poz uma touca e acompanhada pelo marido dirigiu-se para a porta que conduzia para a estrada.

Ao chegar ao limiar, abriu a porta, saiu e lançou para dentro um pacote de phosphoros de enxofre que primeiro accendeu, puxou o marido para fóra e fechou a porta...

Por toda a parte se erguiam pequeninas chammass de cô-azulada as quaes depressa se juntaram illuminando depois o aposento por completo.

Vinham rastejando como serpentes até junto da mesa de Sherlock Holmes que se movia difficulosamente com o corpo, inclinando-se para a cuba d'agua. Mal se podia ter de pé, de tal modo os seus membros estavam ligados, e apoiado ao tonel contemplava as chammass que se vinham approximando e já lhe attingiam os pés, não tardando muito que o corpo fosse também attingido visto estar todo besuntado de petroleo.

Com uma força desesperada apoiou-se ao tonel e levantou as pernas; perdeu porém o equilibrio e caiu dentro da vasilha, cujo contheudo o cobriu.

Mas conseguiu manter-se á tona do liquido salvador. Viu com o maior contentamento que pelo menos n'aquelle instante estava livre de perigo.

Na agua da grande cuba, fóra-lhe um tanto facil mover-se e as chammass que o deviam matar é que agora o iam salvar.

Inclinou-se para a borda do tonel e conseguiu expôr ás chammass a corda que lhe ligava o braço direito. O calor era muito incommodo não havia duvida e Sherlock notou que o fogo devorava não só as cordas como também o feto e desgraçadamente attingio o cabello. Mas que demonio! Ter a vida salva á custa de uma queimadura! Ganhar de novo a sua liberdade também, e a troco do mesmo preço! não era pagar caro!

Supportou pois com estoicismo a terrivel dôr que a corda e o feto incendiados lhe causavam e viu de repente, com alegria que estava livre do que o ligava.

Rapido como uma setta mergulhou o braço no tonel da agua e apagou o fogo que o rodeiava. Ao mesmo tempo que as vidraças estalavam e saltavam e o fogo attingia o vigamento do tecto, Sherlock Holmes achava-se livre de todas as cordas que o ligavam.

Estava bem protegido pelo tonel da agua mas o calor tornava-se insupportavel e precisava de abrir caminho por meio do mar de chammass que o cercava por completo.

Começou a atirar com agua para o chão para assim apagar o fogo nas suas proximidades. Em seguida saltou para o chão. O feto encharcado protegia-o do fogo. Não se dirigiu porém para a porta; achou isso inutil pois que uma vez lá fóra não podia fugir. Presentia que os dois criminosos estavam ainda na estrada á espera de que a casa ficasse toda em chammass e vissem então que a obra tinhr dado resultado.

Sherlock Holmes lembrou-se da cave. Havia lá uma janellita que deitava para os campos. Se attingisse a cave estava salvo pois que até lá não podia o fogo chegar. Tinha porém de tornar livre o accesso á cave.

Começou a deitar agua ás mãos cheias para o chão mas em breve reconheceu isso como insufficiente, Quiz derrubar o tonel mas não ponde. Foi então que viu o seu chapéo o qual jazia por terra meio queimado no bordo. Agarrou-o e serviu-se d'elle como balde.

Depois de alguns instantes o caminho para a adega estava livre e ponde ver a escura entrada que se distinguia perfeitamente n'aquelle mar de chammass.

Tornou a mergulhar na agua e em seguida deu um pulo para a adega. As chammass lambiam já a escada.

O policia dirigiu-se para ella e passou assim do

calôr do pavoroso incendio que lavrava na hospedaria para a frescura reconfortante da adega.

O seu primeiro cuidado foi agarrar a pistola Browning que escapara á Leblanc. Comtudo a agua tornara a arma inutil. Atirou-a fóra e percorreu o quarto com o olhar.

O clarão do incendio, inundava de luz a escura adega, de modo que Sherlock podia-se orientar sem estorvo algum.

Sobre uma velha mesa estava uma faca de matar porcos e da qual se apossou. Em seguida impelliu a mesa para o vão da janella. Com um pulo saltou da mesa para o rebordo da janella.

Curvou-se e escutou por espaço de alguns minutos. Comtudo não ouviu nada lá fora. O ruido vinha todo da hospedaria onde o crepitar dos moveis, dos travejamentos e o estalar de vidros restolhavam infernalmente.

Olhou para baixo. A janellita dava para um saguão. Sherlock deixou-se escorregar pela parede e como a altura era insignificante deixou-se cair. Estava em liberdade.

Primeiro olhou com todo o cuidado em redor de si. Mas ninguem o podia notar. Sómente ao passar da casa incendiada para detraz d'um carro, d'onde podia abranger a estrada, é que viu o Leblanc e a mulher sentados do lado de lá da mesma e observando o desfecho da sua obra.

Poz-se a vigial-os por algum tempo. Poude então vêr que o hospedeiro se levantava dirigindo-se para o bosque e começava a cavar, servindo-se de ambas as mãos junto d'uma arvore que ficava muito perto da estrada.

Sherlock via aquella manobra com immensa curiosidade e ficou então sabendo onde devia vir buscar as joias de Chavresac. Era alli que o patife as estava escondendo.

Sherlock passou para o pomar que se encontrava por detraz da hospedaria e d'ahi foi ter á floresta que se estendia pela estrada fóra até Avinhão.

CAPITULO VIII

Harry põe-se em campo

Harry Taxon esperava o mestre com verdadeira impaciencia.

Sabia bem quaes eram as disposições que Sherlock Holmes tomára e não lhe era desconhecido que o casal Leblanc tinham assassinado o barão Bernardo de Chavresac e deixando que um innocente fôsse condemnado.

Bastaria fazer uma acareação entre Leblanc e o ourives de Marselha onde descobrira as pedras suspeitas, para assim poder perseguir os auctores do crime, entregando-os á justiça. Mas uma investigação tão summaria não agradava nem agradaria nunca ao grande policia.

Antes que mostrasse á luz do dia aquelles que considerava como culpados, antes que erguesse a voz para accusar, queria possuir provas concludentes e irrefutaveis.

Harry tinha contrariado a principio os planos de Sherlock. A veneração e a estima que professava pelo mestre, faziam-no sempre temer qualquer perigo e enchiam-no de cuidados.

Mas o policia jamais se importava com os perigos que Harry lhe apontava. Para todas as angustias e cuidados do seu discipulo e amigo tinha sempre um sorriso e prohibia muitas vezes ao discipulo que lhe fôsse no enalço para o proteger.

E fôra assim, dominado por aquellas ideias que se arriscara a entrar na caverna do leão. Já sabemos a sorte que lá o esperava.

Mas Harry não podia descançar. Toda a noite se remechera na cama e não podéra de modo nenhum dormir.

Segundo o que ficara combinado tinha de esperar pelo mestre até ao meio do dia seguinte, e em seguida encontrar-se-ia com elle.

Não pode estar na cama. Esta já de si desconfortavel e estreita tornou-se para o discipulo do grande policia, um lugar de soffrimento. Tinha uns presentitos de uma desgraça eminente.

Sabia bem quão apertadas e severas eram as ordens de Sherlock, mas os receios que alimentava e o intimo desasoscego que o minava tiravam-lhe toda a apuidão para reflectir.

Demais a mais que demonio lhe podia succeder se por acaso fôsse até á estrada e protegido pela noite procurasse ver se alguma coisa se tinha passado de anormal?

Pelo menos servia-lhe para socegar e com toda a certeza que se houvesse algum perigo em que o mestre tivesse caído elle lá estava para o ajudar.

Estava pois resolvido: iria.

Vestiu-se e desceu ao pateo onde se lembrava de ter visto n'um dos telheiros uma bicycleta. Bem depressa encontrou a machina.

Tirou a para fóra do telheiro e poz-se a caminho da porta. Esta porém estava fechada e para a abrir seria preciso chamar o moço da hospedaria. Semelhante coisa porém é que não convinha por fórma alguma. Teria de estar com explicações com desculpas, o diabo!

Pegou na bicycleta levantou-a e pôl-a em cima do muro que mal tinha a altura de um homem, e que deitava para um becco: saltou para o muro, deixou

escorregar a bicycleta para o becco, saltou tambem e depois de montar na machina, poz-se a pedalar para fóra da cidade, em direcção aos arredores onde se encontrava a hospedaria Leblanc.

Avinhão ia ficando para traz e as trevas protegiam o nosso Harry. De ambos os lados da estrada erguiam-se espessos bosques que não deixavam passar luz alguma.

O caminho que da cidade conduzia á hospedaria dos Leblanc não era em linha recta a estrada fazia uma curva muito accentuada para o oeste.

Quanto mais porém se inclinava para a dita curva tanto mais lhe parecia que o ceu estava d'uma cor muito esquisita a qual não podia saber a que fôsse devida. A situação apresentava-se-lhe um tanto ou quanto extravagante e com o seu quê de pavorosa. Mas ao virar a esquina que a estrada fazia, deu de repente com a chave do enigma.

Não muito distante d'elle ardia a hospedaria Leblanc e o reflexo das chammass que as janellas e o telhado, vomitavam esse reflexo é que avermelhava o ceu até ali tão escuro.

A estrada estava clara como dia e ao olhar de Harry não escaparam as duas pessoas que procuravam n'uma pressa febril embrenhar-se pela floresta.

Uma angustia pavorosa apossou-se do joven policia e comprimiu-lhe o coração. Presentia que lá dentro se passára qualquer coisa que punha em risco a vida do seu querido mestre.

Saltou da bicycleta e collocou-a junto do muro da estrada. Queria-se approximar da casa mas não sabia como, nem sabia de que maneira poderia salvar o mestre, se é que elle ainda lá estava e ainda podia ser salvo.

Cheio de angustia foi andando pela valeta fóra e sempre encoberto com o caminho. Quando estava a cerca de cem passos do lugar do incendio affrouxou o passo pois que não queria que ninguém desse pela sua presença ali. O macio e humido chão da valeta servia-lhe de tapete sobre o qual podia caminhar sem que ninguém ouvisse os seus passos.

Ouvia agora as vozes das duas creaturas que se tinham mettido pelo bosque.

Encobrimo-se com uma das moitas de arbustos que ali havia olhou e viu a casa dos Leblanc envolvida de todo pelas chammass. A luz d'estas illuminava as taes duas pessoas e Harry pode ver que estavam occupadas em enterrar ao pé de uma arvore, qualquer coisa que não percebeu logo o quê fôsse.

De repente porém chegou-lhe aos ouvidos uma phrase que a mulher dizia ao individuo que a acompanhava.

— Chamamos por soccorro sómente quando o typo estiver em torresmos. . .

Comprehendeu então tudo.

Sentiu que o sangue lhe parava nas veias. A primeira ideia que teve foi saltar da valeta correr para a casa em chammass e salvar o mestre. Mas no final de contas isso de nada serviria. . .

Instinctivamente levou a mão ao bolso mas viu com terror que na pressa com que saíra de casa se esquecera de trazer uma arma. De modo que lhe era impossivel deter aquelles dois criminosos.

Havia uma unica possibilidade: era ir buscar soccorro a Avinhão. Poz-se a pensar lá para consigo que o mestre que já por tantas vezes estivera em risco de vida, não se deixaria matar assim sem mais nem menos e que dado o caso que visse ainda, dentro em pouco estava salvo com a gente que Harry ia buscar.

Depois de esta curta reflexão Harry saiu da valeta da estrada, vóou para a machina que encostara á parede, saltou para ella e poz-se a rodar por ali fóra com toda a pressa.

Dentro em pouco já estaria em Avinhão, era obra de alguns minutos. . .

Porém mal tinha dado algumas pedaladas quando viu sair do outro lado da floresta um homem que caminhou ao seu encontro rapidamente.

— Alto lá Harry! Sempre teimaste em vir ter comigo? E's tu?

Harry que julgava o mestre e amigo entre as chammass e o via agora apparecer inesperadamente deante de si recuou espantado. Deu porém um grito de alegria e disse:

— Como, mestre? está vivo?

— E' como vês! replicou rindo o grande policia, mas não tivesssem acontecido algumas coisas que eu cá sei e a estas horas estava reduzido a torresmos.

— Louvado seja Deus! disse Harry abraçando Sherlock com effusão.

Mas o grande policia repelliu o discipulo com um estremecimento de dôr.

— Oh diabo! larga-me! Chamusquei um bocadito a mão na arriosa em que me metti. . . Mas não é nada. Deixa estar que a porquissima taberna aonde me chamusquei não me torna a fazer mal nem os donos me escapam: essa te juro eu!

CAPITULO IX

A reabilitação

Estava no seu ponto culminante a sessão do tribunal. Paulo de Chavresac sentava-se pela segunda vez no banco dos réus; pela segunda vez a cunhada o accusava com a maior dureza de ter sido o assassino do marido e não havia nada que pudesse impedir os ju-

rados de se deixarem influenciar pela accusação terrivel e apaixonada que a viuva apresentava contra o cunhado.

A mesma impressão que dominava os juizes do tribunal marsehez, reinava tambem nos assistentes. Ninguém d'entre as numerosas pessoas que, havia dois dias seguiam com o maximo interesse o julgamento, ninguém, repito, duvidava de que aquelle homem que alli estava sentado no banco dos reus fosse o criminoso, o fraticida. Em todos os corações achara echo o odio implacavel, o desejo de vingança que com uma vivacidade bem meridional a viuva de Bernardo manifestava contra aquelle que considerava como o assassino do marido.

O dr. Legasse que seguia com um nervoso extraordinario a scena, olhava para o inculpado com uma expressão de enorme desespero. Via tudo perdido e o seu cliente mettido para sempre em Cayenna.

Até então esperava sempre que Sherlock a quem nunca mais vira desde que elle fôra ao seu escriptorio, entrasse de repente pelo tribunal, esperança esta que mais augmentava ao vêr a confiança que Paulo tinha e manifestava.

O advogado, porém, passava a olhar investigadamente por sobre os assistentes, sem nada vêr do que desejava. O desejado salvador não apparecia. Nem signaes. Apenas via nas bancadas caras conhecidas e que lhe não importavam para nada. Havia tambem estudantes de direito que seguiam o julgamento com o fim apenas de adquirir pratica, e ainda a gente do porto, gente baixa e da peor qualidade.

Na mesa que estava encostada a grade que separava o povo do jury, estavam alguns jornalistas que faziam febrilmente a reportagem do jornal a que pertenciam.

O depoimento da baroneza, viuva de Chavresac, fora uma da sensações do processo. Ia agora succeder uma outra.

Foram chamados a depôr os esposos Leblanc.

As duas testemunhas entraram na sala. Vestiam de preto, como se andassem de luto e a sua entrada provocou um murmurio de interesse entre os circumspectos. Sabia-se pelo primeiro julgamento que Leblanc fôra a ultima pessoa que vira Bernardo ainda vivo. Acrescia a isto que lhe acontecera uma grande desgraça. A sua estalagem ou hospedaria como se lhe queira chamar, fôra destruida inteiramente pelo fogo, juntamente com todos os seus haveres, e apesar da Companhia de seguros lhes ter pago uma certa e determinada quantia, sabia-se por confissão de Leblanc que a dita somma estava longe de cobrir o valor de aquillo que tinham perdido. Na imprensa vinham artigos, commentarios sobre a infelicidade do casal Leblanc cujo papel no julgamento assumia tamanha importan-

cia e papel este que lhe servia para grangear uma certa simpatia entre o povo.

A todos quantos o queriam ouvir dizia o hospedeiro que nunca mais voltaria ao lugar do incendio onde elle e sua mulher tinham perdido quasi que inteiramente o que possuiam.

Iam para Marselha e tentariam ahi ver se podiam vender os terrenos que possuiam junto da estrada de Avinhão.

O presidente ordenou a Leblanc que se sentasse no banco das testemunhas e o hospedeiro começou a sua exposição. Contou, quasi que pelas mesmas palavras aquillo que dissera no primeiro julgamento. Como o Barão, a esposa e o chauffeur tinham passado a noite na hospedaria que elle, Leblanc, possuia; como elle, testemunha e sua mulher tinham encontrado a caixa das joias cujo trabalho dizia ser lindo, fora entregue ao barão Bernardo quando este voltára á hospedaria a perguntar por ella.

Leblanc tinha acabado de depôr, e o presidente dispunha-se a começar com o depoimento da mulher, quando um dos jornalistas que se encontrava assentado á mesa destinada á imprensa, se levantou e com voz penetrante disse dirigindo-se ao presidente:

—Senhor presidente desejava prestar alguns esclarecimentos de grande importancia ácerca do depoimento da testemunha Leblanc. Peço a V. Ex.^a que me auctorise a depôr.

De todos os lados convergiam os olhares para o mancebo que assim falava.

No rosto do accusado pairava um leve sorriso e o dr. Legasse em quem a esperanza se extinguiu quasi de todo, olhou espantado para o rosto da nova testemunha.

Não... não era Sherlock Holmes.

Aquelle mancebo de rosto simpatico e esculpado barbeado não era o esperado salvador.

—Quem é o senhor? perguntou o presidente.

—O meu nome é Harry Whisther e na minha qualidade de representante de um jornal inglez tomei a liberdade de assistir ao julgamento. Julgo-me nos casos de pôr o caso a limpo por completo e por isso começarei por dizer que o accusado Barão de Chavresac está innocente do assassinato que lhe attribuem!

Estas palavras foram ditas em voz alta e quasi ameaçadora, e antes que alguém o pudesse interromper, a nova testemunha voltou-se para os esposos Leblanc que haviam tomado lugar no banco das testemunhas e proseguiu:

—Conheço o assassino, ou, antes, os assassinos e sei como o assassinato se deu!

Todos se puzeram de pé e sahiram dos seus lugares.

—O quê? O que é que V. Ex.^a diz? Onde soube

isso? perguntava o presidente á inesperada testemunha.

Mas este não se desconcertava. Com voz alta e penetrante, dominando o tumulto que reinava na sala proseguiu:

—Vou contar o crime com todas as suas particularidades, meus senhores!

E estendendo a mão direita para os dois esposos exclamou:

—Eis aqui os dois criminosos! Peço a V. Ex.^a, sr. Presidente, que tome muita cautella com elles!

E' impossivel descrever o que se passou. O tumulto foi espantoso. Todos gritando e gesticulando olhavam para a testemunha.

Ninguém queria acreditar aquella terrivel affirmacão: todos a julgavam uma iniquidade monstruosa, todos se apertavam em redor de Harry e este via em volta d'elle unica e exclusivamente rostos convulsos e ameaçadores.

Mas a testemunha ficou impassivel a todo aquelle tumulto de ameaças e gritos.

Leblanc levantou-se. Estava branco como a cal e quiz-se approximar da testemunha que o accusára, mas cahiu sem forças sobre o banco.

A hospedeira porém, levantou-se rapidamente de ao pé do marido. Com o rosto contrahido e a voz silbante chegou até perto de Whisther gritando:

—Mente! mente!

Mas a angustia que se lhe pintava no rosto mostrou bem que quem mentia era ella. Dois guardas agarraram-na e fizeram-na sentar-se outra vez no banco das testemunhas. O tumulto apaziguou-se e houve em seguida um silencio enorme.

—O depoimento da testemunha Leblanc é verdadeiro até ao ponto em que se trata da chegada da victima á hospedaria e é tambem possivel que a caixa das joias tivesse ficado na hospedaria por esquecimento, embora tambem não fosse para admirar, nem tampouco impossivel que o casal Leblanc a tivesse roubado. Seja como fôr o que é certo é que Leblanc tinha intenção de se apoderar do conteúdo d'ella: o que não podia porém era abrir a visto não conhecer o mecanismo. Abanou a. bateu com ella contra a mesa e atirou-a ao chão, mas tudo foi baldado; a tampa não saltou como elle esperava e sómente alguns dos ornatos é que sahiram dos respectivos logares cabindo no chão onde se perderam e misturaram com a terra.

Whistler tirou para fora da algibeira um embrulhinho, desdobrou o e estendeu-o ao presidente dizendo:

—Aqui tem V. Ex.^a uma das laminasinhas de oiro: cahiu no chão e foi depois encontrada lá.

Quando a victima voltou para levar o cofresito os dois Leblanc entregaram-lh'o e o Barão mostrou aos dois como é que o mecanismo do cofre trabalhava.

Abriu-o e patenteou aos olhos cubiçosos dos Leblanc o conteúdo.

«Foi n'esta occasião que um dos Leblanc, provavelmente o homem, aproveitando um momento em que o barão estava distraido o atacou pelas costas e lhe deu a punhalada que o matou, em seguida, a victima foi despojada de tudo quanto possuia, o cofre foi despojado e em seguida, quando já nada continha fechado de novo.

«Até á noite ficaram automovel e cadaver escondidos n'um dos telheiros. Depois a victima foi collocada no automovel, levaram este protegidos pela noite para o tal sitio da Cova do Diabo e precipitaram dono e automovel no abismo.

A testemunha fez uma pausa. Todos os olhares se dirigiram para Leblanc. Este livido, as pernas tremantes, havia-se levantado e dizia com voz abafada e a gaguejar:

—Não... não! isso não... é verdade!

A esposa é que porem se não desconcertava com as affirmacões da testemunha. Raivosa, com a voz silbante dizia:

—Mentiras! Tudo mentiras! Provas é que se quer!

—Provarei o que digo pois que assim é preciso! disse Harry dirigindo-se ao Presidente.

—Mas onde é que estão as testemunhas? aonde? onde é que estão? dizia a velha.

—A testemunha é um velho que descobriu o roubo em casa de vocês: é o quinquilheiro Julio Sorrien!

Este nome produziu nos dois miseraveis o effeito de um raio. A angustia do velho tornou-se medonha; sómente a mulher é que se recobrou depressa do abalo.

—Mas onde é que elle está? Traga-o se é capaz!

—Vive ainda! felizmente não ficou queimado na hospedaria como vocês desejavam.

E antes que alguém o pudesse impedir já a extranha testemunha se derigira para a porta do Tribunal abrindo-a.

Na sombria sala entrou um velho muito alquebrado, o quinquilheiro Sorrien.

A entrada do vendilhão foi o bastante para aniquilar os dois miseraveis. A fêra feminina que havia na Leblanc, recebeu um golpe mortal. Deixou-se cair sem forças sobre o banco. Fugira-lhe do rosto o sangue: estava como um cadaver e enclavinava as mãos no braço do marido olhando para a appareição que para ella era como a de um espectro. O suor perlava a fronte dos dois miseraveis e escorria-lhes em camarinhas pelo rosto enlivedecido.

—Vive! vive! disse o Leblanc atterrado.

E caiu sem sentidos.

Os guardas levantaram-no e tornaram-no a assentar no banco.

O Presidente tomou a palavra.

Vocemecê é que é o quinquilheiro Julio Sorrien? perguntou dirigindo-se ao velho.

—Não meu cáro senhor, não sou, replicou este. Isto é apenas um papel que eu representei!

E dizendo isto arrancou a barba e a cabelleira postiças

Chamo-me Sherlock Holmes e trago-lhes as provas meus senhores, de que o Barão Paulo de Chavresac está innocente e de que estes são os assassinos do Barão Bernardo; de que foram os dois Leblanc os autores não só d'esse attentado como tambem do incendio que lhes devorou a casa e que elles lançaram no proposito de me aniquilarem, a mim que debaixo d'este disfarce me introduzi em casa d'elles e os surprehendi em flagrante.

E sem mais preambulos, o grande policia contou tudo o que fizera, desde que fôra encarregado da investigação do crime pelo Dr. Legasse até ao momento em que a hospedaria foi pasto das chamas.

Os juizes, os jurados e todos os mais circumstantes escutavam mudos o grande policia. Sómente se ouvia o tom firme e decidido da voz d'este, enchendo a sala e retumbando aos ouvidos dos dois miseraveis com um som como deverá ser o das trombetas do Juizo Final.

Sherlock-Holmes acabára. A sensação produzida no tribunal era enorme. Até mesmo aquelles que já estavam callejados n'aquellas commoções, se sentiam commovidos.

Leblanc estava assentado no banco, muito pallido, os labios trementes. O rosto contrahido pela afflicção confirmava cada uma das palavras do policia. Sómente a mulher é que não perdêra ainda de todo as esperanças. Saltou como uma furia para ao pé do presidente e gritou, chegando-se muito para elle:

—E' tudo, tudo mentira! Que prove! que prove!

—E vou provar, replicou Sherlock. Primeiro porque tenho o depoimento do joalheiro e antiquario Davidet, em cujo estabelecimento Leblanc vendeu uma parte da sua rapina e que certamente o reconhece a você se o vir, e em segundo lugar porque conheço e estou prompto a ir indicar o sitio onde você escondeu o roubo.

E descreveu por completo o esconderijo, que ficava perto da estrada de Avinhão.

Então o povo começou a injuriar os dois velhos. Até alli a victima do povo, e victima innocente, fôra Paulo de Chavresac; agora eram os dois miseraveis, os verdadeiros criminosos que viam erguidos contra si punhos cerrados e boccas espumantes que os cobriam de injurias.

Foi preciso que os agentes empregassem a violencia para assim furtarem os criminosos ás iras do povo.

O presidente mandou evacuar a sala, para assim estabelecer o socego. Os Leblanc foram immediata-

mente para a cadeia, e Paulo de Chavresac foi restituído á tão almejada liberdade.

Ao abandonar a sala do julgamento, o grupo formado por Paulo de Chavresac, Sherlock-Holmes e o Dr. Lagasse, foi saudado com aclamações pelo povo. Sherlock-Holmes e o pobre e digno mancebo que elle salvára dos trabalhos forçados foram conduzidos em triumpho até á primeira carruagem.

O cocheiro teve um trabalhão dos diabos para romper por entre o povo, e quando os quatro individuos —pois que nos ia esquecendo o nosso Harry—chegaram ao hotel, continuou a ouvir-se ainda por muito tempo o ruído das aclamações.

O caso Leblanc foi resolvido depressa. Diante das provas contra elles accumuladas, o velho confessou tudo e a velha, que durante muito tempo se mantivera n'uma negativa formal, teve de confessar tambem.

Foram ambos condemnados á morte, sentença que o Presidente da Republica commutou em trabalhos forçados perpetuos.

O testamento do Marquez de Boismareuil foi dado como sem effeito, pois que o herdeiro designado já

não vivia e sómente o irmão da victima é que era agora o herdeiro legitimo.

Paulo, porém, recusou-se a receber a herança. E eis aqui o que a esse respeito contou, mais tarde, ao seu grande amigo Sherlock Holmes, ao encontrar-se com elle em Londres:

—Todos os bens moveis que por morte de meu tio me ficaram em testamento, entreguei-os a minha cunhada. Perdoei-lhe todo o odio que mostrou contra mim e a vergonha que ella sentiu talvez que esteja um pouco apagada pelo que lhe fiz. Para mim não precisava de dinheiro. Portanto, dei-lh'o.

«A quinta de Boismareuil mandei a entregar á cidade de Avinhão para d'ella se fazer um asylo para velhos necessitados. Quero que os cidadãos de Avinhão, que tão duramente me incriminaram, se recordem ainda de mim com saudade.»

E estendendo a mão a Sherlock, o Barão terminou assim a conversa:

—Tenho a certeza que para o futuro os de Avinhão hão de ser mais escrupulosos nas suas accusações. E' que nem a todo o que se encontra afflicto occorre a ideia de recorrer a Sherlock Holmes, o qual, ao mesmo tempo que descobre o verdadeiro criminoso, restitue á liberdade o innocente...

FIM

Ler no proximo numero:

Os charlatães de mumias

Aventuras extraordinarias d'um policia secreta

